

COLECCÃO
DE GUIAS DO
PATRIMÓNIO DO
CULTURAL DO CONCELHO
DE SANTO TIRO

2

O MOSTEIRO DE RORIZ

Francisco Carvalho Correia



Edição Trilingue



O MOSTEIRO DE RORIZ

Francisco Carvalho Correia



Coordenação: Álvaro de Brito Moreira

Dir. Gráfica: MEDIANA – Sociedade Gestora de Imagem e Comunicação, S.A.

Fotografia: Foto IRIS

Edição: Câmara Municipal de Santo Tirso • Museu Municipal Abade Pedrosa

Tiragem: 1000 exemplares

Depósito Legal: 79467/94

I.S.B.N.: 972-8180-02-0

Execução Gráfica: Rainho & Neves, Lda./Sta Maria da Feira

Abril de 1997

I. PERIODIZAÇÃO DA HISTÓRIA DO CONVENTO DE RORIZ

Dois períodos englobará a **história monástica** deste convento, hoje integrado no concelho de Santo Tirso.

1. De 1070 a 1173.

- D. Toure Sernão (Toderedo Sesnandes?) fundará o mosteiro rodericense por 1070;
- A regra monástica neste período, de 1070 a 1173, está ainda por individualizar;
- O mosteiro já com alguma notoriedade entre-tanto: recebem os religiosos os coutos de Roriz e de Lordelo, e o mosteiro é nomeado na Bula de Calisto II *Officii mei*, de 2 de Março de 1120, que o tem por situado no interior da jurisdição diocesana do bispo do Porto. Sem viabilidade, porém, já que Roriz e os seus cônegos não conheceram, até ao fim, outra jurisdição episcopal que não fosse a de Braga!...

2. De 1173 a 1572.

- Em 1173, o mosteiro de Roriz é doado por D. Afonso Henriques a Santa Cruz de Coimbra. Seguirá, pois, a **regra de Santo Agostinho**;

- Dos finais do século XII aos finais do século XIII, constroem os cônegos a **actual igreja de Roriz**;

- Já na época dos Priores comendatários – de difícil concretização a data em que termina a fase dos Priores eleitos e começa o regime das comendas –, faz-se o inventário de 1543, que nos dá uma ideia do domínio fundiário amanhado por este mosteiro, ao longo dos séculos. Mais extenso do que o que se poderia imaginar...

- Em 1572, **encerra-se o convento**, com a morte do último Prior Comendatário, Luis Fernandes.

- Em 1573, uma grande mudança de rumo, na vida de Roriz. Até agora, coabitavam duas comunidades: a **secular**, sob a guia imediata do seu cura; e a **monástica**, sob a administração do Prior. Duas comunidades distintas.

- Até com espaço litúrgico diferenciado: os monges ocuparão na igreja o templo propriamente dito; a freguesia, essa terá os seus actos cultuais na capela adossada de Santa Maria.

- Em 1572, **extingue-se a comunidade monástica**. Sobreviverá tão-só a comunidade paroquial, que vai ter agora a igreja toda, para sua disponibilidade. O mosteiro reduzir-se-á a uma simples residência particular da Companhia de Jesus, sediada no Colégio de S. Paulo, de Braga, e por este administrada.

Neste período após a extinção do convento e da comunidade monástica, será possível escalonar algumas etapas:



1. De 1573 a 1759: Roriz sob a administração da Companhia de Jesus.

- A união de Roriz ao Colégio de S. Paulo de Braga (1573);
- A extinção da paróquia de Santa Maria de Negrelos e a sua integração como **lugar** da freguesia de S. Pedro de Roriz (1575). O mesmo acontecera, já antes, à paróquia medieval de S. Paio de Virões.

1. **Vista do conjunto do mosteiro.** Desde a segunda metade do século XI – quando foi fundado por D. Toure Sernão – até à extinção (1572), adquiriu o convento de Roriz uma riqueza considerável, que, quanto a propriedades rústicas e urbanas, compreendia, além dos passais, um número elevado de unidades agrícolas, de que dá uma ideia o **Tombo de 1543**. Acrescerá o padroado de algumas igrejas (como as de S. Pedro de Avioso, S. Mamede de Vila Chã, S. Paio de Casais, S. Lourenço de Romão, S. Paio de Virões) e os coutos de Roriz e Lordelo.

1. **View of the monastery.** According to the Chantry of 1543, from the second half of the 11th century, when founded by D. Toure Sernão, up until its extinction in 1572, the convent of Roriz acquired considerable wealth, which included numerous rustic and urban properties, apart from the ones surrounding the monastery itself, namely a considerable number of agricultural units. It also acquired several churches (such as S. Pedro de Avioso, S. Mamede de Vila Chã, S. Paio de Casais, S. Lourenço de Romão, S. Paio de Virões) and the lands of Roriz and Lordelo.

1. **Vue de l'ensemble du monastère.** Depuis la seconde moitié du siècle XI – quand il a été fondé par D. Toure Sernão – jusqu'à la fin (1572), le convent de Roriz a acquis une richesse considérable qui, en ce qui concerne les propriétés rustiques et urbaines, englobe, outre les terres du couvent, un nombre élevé d'unités agricoles, dont l'énumération de 1543 nous donne une idée. Le patrimoine augmentait aussi grâce aux églises (comme celles de S. Pedro de Avioso, S. Mamede de Vila Chã, S. Paio de Casais, S. Lourenço de Romão, S. Paio de Virões) et les biens des coutous de Roriz.

- Os Jesuítas do Colégio de S. Paulo como **padroeiros e donatários** de Roriz, até à sua expulsão pelo Marquês do Pombal (1759);

2. De 1759 a 1774: Roriz e os seus bens passam para o domínio da Coroa.

3. 1774-1775: é o período da administração dos bens e propriedades de Roriz pela Universidade de Coimbra, de cuja fazenda eram parte.

2. **Lápide tumular** (pormenor). É de Manuel Marinho Falcão de Castro de Morais Bacelar, Ministro da Justiça no reinado de D. João VI. Em 1775, operou-se o divórcio entre a igreja – esta continuaria ao serviço da paróquia, mas do padroado da Universidade de Coimbra – e o mosteiro, com passais e outras propriedades, que foram vendidos pela Universidade a Sebastião José Teixeira de Carvalho e Sousa. Em 1790, este doá-los-ia à sobrinha, casada com o dito Manuel Marinho.

2. **Tombstone**. Belonging to Manuel Marinho Falcão de Castro de Morais Bacelar, Minister of Justice during D. João VI's reign. The year 1775 brought a divorce between the church and the monastery. The church continued to serve the parish but adjoined to the University of Coimbra and the monastery, its surrounding lands and other property was sold by the university to Sebastião José Teixeira de Carvalho e Sousa. In 1790 he donated it to his niece, at the time married to Manuel Marinho buried here.

2. **Pierre tumulaire (détail)**. Elle appartient à Manuel Marinho Falcão de Castro de Morais Bacelar, le ministre de la justice du règne de D. João VI. En 1775 l'église s'est séparée du monastère. La première resterait aux gages de la paroisse, mais du patronage de l'Université de Coimbra; le monastère resterait avec des jardins de presbytères et d'autres propriétés qui ont été vendus par l'Université à Sebastião José Teixeira de Carvalho e Sousa. En 1790, celui-ci les doterait à sa nièce, mariée avec Manuel Marinho.



4. De 1775 em diante: efectua-se a separação de destinos na administração da igreja, de um lado, e do que fora a residência conventual, com suas propriedades rurais, por outro. O mosteiro e seus bens – com exclusão, pois, da igreja, que ficou ainda da administração da Universidade – passam para as mãos de particulares. Primeiro, pertencem a Sebastião José Teixeira de Carvalho e Sousa, por compra feita à Universidade (1775). Em 1790, aquele doou-os à sua

sobrinha D. Angélica Maria Teixeira de Carvalho e Sousa da Cunha Ferraz, casada com Manuel Marinho Falcão de Castro de Morais Bacelar, cuja sepultura rasa se encontra no corpo da igreja rodericense, do lado do evangelho. Deste matrimónio sairá o possuidor imediato (1831), António Marinho Falcão de Castro Morais Bacelar, feito **Visconde de Roriz**, em 1853. Logo depois (1902), ficou senhor do convento o seu filho Manuel Marinho.



3. Ábside da igreja, vista do exterior. A uma superfície interna poligonal, corresponde, do lado de fora, uma área **semi-circular**; às **arestas de dentro**, opõe-se o reforço dos **contrafortes** exteriores; e ao regime elegante de frestas alternadas, da parte de dentro, sucede-lhe a **sequência continuada** de frestas, ora rasgadas ora cegas, ora simples ora duplas, no dorso da ábside.

3. Church apse, exterior view. The interior of the apse is a polygon while, correspond to a semi-circular area on the outside. The intervening lines (cornices) on the inside are set opposite to the reinforcing buttresses on the outside. An elegant regime of alternating window sits on the interior follow a continuous sequence of slashed/plaint, simple/double, on the exterior.

3. L'abside de l'église, vue de l'extérieur. À une surface interne polygonale, il correspond du côté extérieur, une surface semi-circulaire. Aux arêtes intérieures s'opposent l'extérieur des renforts extérieurs. Au régime élégant des fenêtres alternées, de l'intérieur, se succède la séquence continue de fenêtres tantôt biseignées tantôt aveugles, tantôt simples tantôt doubles, au dos de l'abside.

II. A FUNDAÇÃO DO MOSTEIRO DE RORIZ

Quando se trata de um facto, com a sua importância como este, o primeiro problema que logo se colocará – ou dos primeiros –, naturalmente, será o da sua inserção no mundo da história. E, já que do **lugar** se sabe – é o mosteiro de Roriz que abordaremos –, interessa complementar a silhueta intramun-

dana da instituição, com o relevo da outra vertente dimensional, a do **tempo**. Sobretudo, a propósito das **origens** desta casa religiosa que, hoje, pertence ao concelho de Santo Tirso. Assim a integraremos, de plena estatura, no mundo dos homens, no coração da história.



1. Opiniões desalicerçadas

Temos de pôr de parte todas aquelas posições que, tanto quanto sabemos, nada oferecem de sólido que as possa garantir.

Assim, a de **Pinho Leal**, que **José Augusto Vieira** seguiu, faz recuar o mosteiro de Roriz pelo menos ao ano de 887, quando teria sido doado a Mumadona. O asserto não tem bases documentais. Como *a priori*, até as não poderia ter, atendendo à idade por demais jovem, da suposta donatária, naquele ano longínquo de 887...

Da mesma, ou maior gratuidade ainda, vem a sofrer a opinião de **Américo Costa**, quando o faz recuar um pouco mais até, para o interior do século VIII. Nem sequer a fonte que lhe deu inspiração será de molde a fornecer-lhe a solidez que nela mesma procura!

2. D. Touro Çarnão, que fez Vairão e Roriz...

Mais próximo da realidade o **Livro Velho de Linhagens**. Concretamente o **Livro do Deão**:

E este Nuno Velho, el Vejo, foi casado com Elvira Toures, filha de dom Touro Çarnão, que fez Vairão e Roriz.

2.1. A relação de D. Toure com Vairão

É certo que muitas informações dos **Livros de Linhagens** são deficientes e até enganadoras. Muitas vezes, porém, veiculam-se dados certos, até nos arremedos esvoaçados da fantasia! Como acontece com o mosteiro de Santo Tirso, com as suas pegadas originais: elementos seguros – a fundadora, o lugar (**a Villa Moraria**)...–, acasalados com notícias sem consistência, como o orago do mosteiro, por exemplo...

Igual mescla, a propósito de Roriz. Assim o mosteiro que lhe vem acoplado fundou-o, não D. Toure Sernão, mas, segundo uma lápide de 1035, a sua cunhada D. Pala. Pode haver, porém, e apesar de tudo, um certo fundamento, para a afirmação do **Livro Velho de Linhagens**: D.Toure Sernão interviria, ao lado de D. Pala e com o seu apoio, para a construção do referido mosteiro vilacondense, o que lhe poderia valer o papel de edificador de Vairão, que os **Livros de Linhagens** lhe atribuem. Aliás, vêmo-lo ao lado da cunhada, em 1040, na defesa doutro mosteiro, do de Leça, contra o irmão, de nome Odório. Logo, se não **fundador**, poderá ser **co-fundador** de Vairão. E salvar-se-á ainda a honra dos **Livros Velhos de Linhagens**. De uma familiar sua há documentação certa para os finais do século XI e começos do imediato. E em relação com esta casa religiosa vilacondense: uma **Elvira**, abadessa de Vairão, que, em 1141, recebe, nessa qualidade, a carta de Couto das mãos de D. Afonso Henriques. Dividem-se os autores na relação entre os dois: Manuel Real tem-na por **filha** de

4. O mosteiro. Ao lado da igreja – ao serviço das duas comunidades, a monástica, para os agostinhos, e a secular, para os fregueses –, a residência conventual, com a fachada das casas dos Piores, dos séculos XIV-XV, descritas no Tombo de 1543 (ADP Roriz 1, f. 5).

4. The monastery. Adjacent to the church – at the service of the two communities, the monastic, for the Augustinians, and the secular, for the parishioners, is the convent's residence with the Prior's house facade as described in the Chancelry of 1543 (ADP Roriz 1, f. 5).

4. Le monastère. À côté de l'église – au service de la communauté monastique pour les augustins, et de la séculière, pour les clients – le presbytère, avec la façade des maisons des pères des siècles XIV-XV, décrites dans l'Archidia 1543 (A.D.P. Roriz 1, f. 5).



2.2. A relação de D. Toure com Roriz

D. Toure Sernão, quando, segundo Mattoso, é neta. Acrescenta este medievalista que os **Livros de Linhagens** fazem dela filha de D. Toure, porque a identificam com Ausenda e lhe atribuem o marido desta, Nuno Soares Velho, pelo que só viria a ser abadessa de Vairão já na sua viuvez.

Mas são também insinuantes e até mais seguras as relações entre D. Toure Sernão que Mattoso identifica com **Torsário** – ou alternativos de **Torsário**, **Todário**, **Toderedo** – **Fromariques** ou seus descendentes com este nosso mosteiro de Roriz. Antes de tudo, um documento de 1185: o Prior Arias ou Aires reivindica para o mosteiro a igreja de S. Paio de Parada (mais tarde,

de Virões) e um casal que fora de D. Mor **Toeriz**. E este patronímico recorda bem uma ligação de sangue com o referido D. Toure.

Depois, as **inquirições dionisíacas** falam de terras que pertencem a Roriz e que, antes, tinham sido coutadas a Mem Touriz, outro nome a recordar, mais além, o personagem ao qual os Linhagistas medievos atribuem a fundação do mosteiro rodericense. Diz o texto das inquirições:

*freigesia de são tiaguo de lordello ha hi
coute q chamão
lordello per marquos e diuisoes q he
do mostr.º de Roris
e de filhos e netos de João carapesos
e dizem as testemunhas
douvda q foy coute de mem ctoris.*

Tudo nos leva, pois, com um tanto de plausibilidade, às ligações de D. Toure e seus descendentes com o mosteiro de Roriz, com certeza na condição de fundadores e de padroeiros. E, como D. Toure vive pelo meio e segunda parte do século XI, será desta altura a fundação deste mosteiro, hoje do concelho de Santo Tirso.

3. Dados documentais subsequentes

3.1. A primeira notícia mais exacta e mais segura do nosso convento é já de 1096: uma carta de escambo entre o mosteiro de Roriz, através de Fr. Mendo e

Fr. Gundesindo David mai-lo procurador do mosteiro, de nome **Tolereo Pinionis**, de um lado, e Guterre Suaz, com Unisco Osoreis, do outro. O convento troca propriedades suas que se encontram na Vila de S. Tomé, ao fundo de Monte Córdova, junto do Rio Vizela, por uma herdade daquelas que se situava em Negrelos.

Depois, outros textos documentais rodericenses. Assim, em 1115, o mosteiro de Roriz troca igualmente uma propriedade sua, chamada de **S. Martinho do Pelhe** (hoje, S. Martinho do Vale, Vila Nova de Famalicão) por uma outra, de Mendo Veilaz e sua mulher.

E, no ano seguinte, em 1116, a mesma casa é beneficiada com a doação de várias propriedades, que lhe fizeram Mendo Gonçalves e sua mulher.

Um destaque especial merece a Bula de Calisto II, **Officii mei**, de 1120. Versa o problema dos limites das dioceses de Braga e Porto: confirma-se o Ave, desde a foz do Vizela até Vila do Conde, como limite das duas administrações eclesiásticas e o mosteiro de Roriz como marco integrante da área diocesana do Porto. Sem sequências práticas, como já disse.

Ainda nesta primeira fase da sua existência – a de uma regra difícil de precisar-se – e, segundo uma tradição que antecede, de longe, as inquirições dionisíacas (1290), o mosteiro rodericense receberia uma carta de coute.

3.2. Um século depois da sua fundação, passaria o mosteiro para posse de Santa Cruz de Coimbra, por doação do nosso primeiro rei. Como em Santo Tirso – mas aqui, antes, por 1090 –, a mudança de rumo na

5. Porta principal (pormenor). Três arquivoltas perladas, enquadradas por faixa de entrelaços – a lembrarem Paço de Sousa – revelam um ecletismo característico dos períodos de transição (Gerhard N. Graf).

5. Main doorway. Three beaded archivolt framed by a band of interlacing, reminding us of Paço de Sousa, reveal an eclecticism characteristic of the transitional periods (Gerhard N. Graf).

5. L'entrée principale (détail). Trois archivoltes perlées, encadrées par entrelacement. Elles rappellent Paço de Sousa et révèlent un éclectisme caractéristique des périodes de transition (Gerhard N. Graf).



espiritualidade monástica inserir-se-ia um contexto mais amplo que envolvia a edificação de uma nova casa.

Do primitivo convento, em Santo Tirso – o de 978 – resta só um testemunho documental. Do primitivo convento de Roriz – o que subsistiria desde os primórdios da fundação até, aproximadamente, ao último quartel do século XII – restarão, segundo Manuel Real, uns quantos tipos de fragmentos arquitectónicos: o de um capitel figurativo, de um friso, de uma imposta e

mais duas bases de colunas com feições arcaizantes. Descreve-as aquele autor: «Quanto ao capitel, ele representa um estranho ser alado, onde parece ver-se uma mão e um **falus**. É difícil dizer também qual o desenho exacto do friso, embora supunhamos que seja vegetalista, com alternância das folhas a partir de uma haste mediana em ziguezague. A **imposta** é, sem dúvida, o elemento mais interessante e, pelas suas dimensões, deve ter pertencido a uma fresta. Ela é

decorada por dois andares de cordões enlaçados, sendo o inferior mais amplo e debruado a pérolas. Este elemento decorativo permite-nos situar a anterior construção dentro da corrente ornamental que, desde cedo, floresceu na diocese de Braga. Tal ideia vêmo-la confirmada na caprichosa base cujo soco repete o motivo das fitas enlaçadas e a escócia desaparece por debaixo de uma corda. Este encordoado parece derivar de anteriores modelos árabes e o mesmo pode dizer-se da outra base, cujo perfil, simples e quase tronco-cónico, se veio a tornar clássico a partir do primeiro românico».

É, pois, o que restará – os despojos arquitectónicos – do que foi o primeiro mosteiro de Roriz, que teria estado de pé, desde as suas origens, por 1070, até 1170, aproximadamente. Um século arredondado de vigor!

Nesta primeira fase:

- Os religiosos seguem um ideal e uma regra que não conhecemos;
- O mosteiro adquirirá um prestígio de certa envergadura, com a auréola política de uma terra privilegiada. Ou duas: os coutos de Roriz e o Lordelo.

Depois, a viragem de 1170:

- A adopção da regra de Santa Cruz de Coimbra;
- A construção da igreja que, hoje, constitui uma das pérolas artísticas da área municipal de Santo Tirso.

III. A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA IGREJA MONÁSTICA (E PAROQUIAL)

Na entrada do último quartel, ou nas suas vizinhanças – aponta-se o ano de 1173 – a comunidade rodericense teria mudado de orientação: D. Afonso Henriques havê-lo-ia dado, o mosteiro, aos cruzados. No contexto da prelazia de D. Aires, que, em 1185, reivindicou o padroado da igreja de Virões e a posse de um casal que teriam sido do fundador do convento e seus herdeiros.

Neste contexto, igualmente, a construção de uma nova igreja, que iria ocupar a rodagem de um século. Efectivamente, inúmeras dificuldades atrasaram a inauguração: problemas técnicos, dificuldades sócio-económicas do mosteiro, acidentes fortuitos e ocasionais... Tantas foram as causas possíveis do retardamento! Manuel Real e Pedro Sá lembram a queda da abóbada e paredes da ábside, quando pouco mais se encontrava feito, para além da capela-mor; as lutas do mosteiro contra um fidalgo que, no interior do couto rodericense, privilegiou um naco restrito, que ocasionaria a reacção frontal dos conventuais e de que resultou a morte violenta de dois priores, ao tempo de D. Afonso II (1211-1223)...





6. Porta principal (pormenor). Como acontece, mais tardiamente, com o claustro do mosteiro de Santo Tirso, também em Roriz encontramos, numa mesma área, um **hibridismo** decorativo, com a fusão de elementos geométricos – como este locinho troncocónico de bovídeo, ao remate do dintel interrompido, e que se pode observar na imagem – com dados de um naturalismo mais objectivado, como os **leões** da mesma porta.

6. Main doorway. As happened with the cloister of the monastery in Santo Tirso, here too in Roriz, within the same area we see a decorative hybridism fused with geometric elements such as in the conic-trunk bovine snout, the pinnacle of the slit lintel together with more objective naturalistic elements as in the lions on the same door.

6. L'entrée principale (détail). Comme il arrive, tardivement, avec le cloître du monastère de Saint Tirso, nous trouvons dans une même surface un hybridisme décoratif avec la fusion d'éléments géométriques – comme ce museau tronconique de bovidé au cul-de-lamp du linteau suspendu et qu'on peut observer dans l'image – avec des données d'un naturalisme plus objectif, comme les lions sur la même porte.

1. As fases da construção

Os mesmos estudiosos, servindo-se da análise das siglas, da leitura das inscrições, da observação dos silhares, etc., esquematizam, desta forma, as etapas da construção da actual igreja de Roriz:

1.1. Aos finais do século XII remontam:

- A construção da capela-mor;
- O começo da nave, pela abertura dos alicerces e pela edificação do muro sul, até cerca de quatro metros de altura.

Neste momento, uma catástrofe impediu o avanço da construção: desabou a abóbada da capela-mor! O facto é certo. As causas é que se não individualizam, com nitidez. Interrupção prolongada das obras e a consequente falta de travamento na zona do arco triunfal? Abalo sísmico?

As causas podem ser estas ou outras! Mas o facto de que teria ruído a construção é seguro. Lá se vêem os estigmas do insucesso: desalinho dos pés direitos, na entrada para o Coro; paramento de execução variada entre a capela-mor e o corpo da igreja; desajustamento dos silhares, na ábside...

Caracterizando este primeiro troço da construção, dizem Manuel Real e Pedro Sá: «A primeira fase denota uma superior perfeição. Apesar de relativamente sóbrio, este "atelier" é o mais original e aquele que apresenta melhores disponibilidades de mão-de-obra. Através dele surgem algumas soluções exóticas, como o plano hexagonal do interior, os toros interrompidos que debruam as janelas, a cornija de arquilhos, etc. Também a flora é mais evoluída do que à primeira vista parece. Um tanto inesperadamente, as suas folhas apresentam-se já com estrangulamentos côncavos na base, que anunciam

o gótico (...). Embora os capitéis se aproximem muito do esquema tradicional, surgem aí certos detalhes que, pela sua raridade, só podem explicar-se com a presença de um mestre vindo de outras paragens».

1.2. Começos do século XIII. A esta altura pertence:

- A consolidação das paredes da capela-mor;
- O restauro da abóbada;
- A construção de um contraforte, no lado sul;
- A elevação dos muros laterais da nave;
- A execução dos portais.

Pelas siglas se vê que já outros artistas trabalharam nesta segunda fase. Se há pedras com a **mesma assinatura** que antes, poderá ter sido o resultado de elementos meramente reaproveitados. Silhar de boa individualização, que pode ser o nome do encarregado: um **João**, representado numa simples abreviatura.

«Quanto à abóbada, ela termina de forma original, com arestas radiais incidindo nos ângulos do polígono interior da ábside. Esta solução deve ter sido gizada durante a primeira fase, vendo-se o novo mestre obrigado a respeitar as linhas do projecto anterior. Além de razões de ordem estilística, esta hipótese apoia-se no facto de o resto da segunda fase evidenciar uma grande pobreza técnica e falta de imaginação».



Mas uma sina de mau cariz ia perseguindo a construção! E as obras interromper-se-iam novamente: a disputa do mosteiro sobre bens que lhe pertenciam; reacções dos visados que não recuam, até mesmo diante da hipótese do assassinio de dois priores; o clima de permanente tensão... Tudo pode ter sido motivo suficiente para uma paragem forçada.

Ao tempo das inquirições de D. Dinis, as testemunhas aludem a este período de intranquilidade.

7. Sala do Capitulo. Ao fundo, à direita, em pormenor. Foi construída na premência de um colço para a capela-mor, reconstruída após se ter desmoronado em acidente que não se individualizou. Mas é possível fosse também este anexo aproveitado para Sala do Capitulo. A sua datação – 1225 – é natural possa repescar-se da lápide funerária de Mendo Odorici. Fosse qual fosse o destino da sala, após 1543, veio a funcionar como **sacristia**. Até hoje, pelo menos...

7. Chapter hall. In the background, in detail. It was built as an urgent prop for the main chapel, reconstructed after accidentally collapsing. It is also possible that this annex was used as the chapter hall. It's date (1225) is taken from the tombstone of **Mendo Odorici**. Whichever was the hall's destiny, after 1543 and to date, came to be the church's **sacristy**.

7. Le Chapitre: à-bas, à droite, en détail. Elle a été construite par l'urgence d'un colço pour la chapelle principale qui après son éboulement a été reconstruite. Elle date de 1225, comme on peut voir sur la plaque funéraire de Mendo Odorici. Quel qu'il en soit le destin: après la salle, après 1543, elle fonctionnera comme sacristie jusqu'à nos jours.

1.3. A terceira fase teria vez antes de 1225:

- **Edificação do anexo sul** (hoje, sacristia da igreja).

A lembrança da ruína pesaria ameaçadora como espada de Dâmocles, no rodar da execução da igreja conventual. Bom fundamento para um receio! Não fossem as vias de facto a colorir de negro os

8. **Epigrafe funerária de Mendo Odorici.** Num dos mainéis da tríplice arcatura do anexo sul da igreja de Roriz rasga-se de uma inscrição que nos poderá cronometrar uma das fases da construção da igreja rodericense:

A dois das Nonas de Fevereiro da era de 1263 (4 de fevereiro de 1225) faleceu Mendo Odoriz.

8. **Tombstone of Mendo Odorici.** On one of the ribs of the triple arcament's trinitate carved on the facade of the annex south of the church of Roriz is an inscription which allows to locate one of the stages of the church's construction:

On the second of Nonas of February of the era of 1263 (4th February, 1225) Mendo Odoriz died.

8. **Epigraphe funéraire de Mendo Odorici.** Dans une des rampes de la construction trinité de l'église de Roriz, il y a une inscription qui nous peut chronométrer une des phases de la construction de l'église de Roriz: Mendo Odoriz est mort le 4 février 1225.



horizontes, com a ideia de uma ameaça, bem longe de restringir-se ao cenário do mundo dos meramente possíveis!...

Daí que voltem à carga, na reduplicação dos esforços para bom assentamento da construção. Uma sacristia ou sala de capítulo, adossada ao exterior do alçado sul da ábside, daria à igreja o reforço de que tanto precisava. Uma inscrição funerária, ainda no seu lugar de origem, aberta num dos

mainéis da tríplice arcatura que dava para o claustro, diz-nos da cronologia do seu levantamento:

II NNS FBRII Ob
MENENDUS ODORICI
E M CC L XIII.

Logo, em 1225, estava já pronta a sacristia ou a sala de capítulo que, desde a hora em que se ergueu, tinha em mente não só servir de contexto e de apoio aos serviços religiosos ou decisões capitulares dos cônegos conventuais, com seu Prior, mas também de solidez e reforço à segurança abalada que o foi do edifício. Tanto mais que há sintomas de que, inicialmente, este anexo não estaria planeado para ali.

Mais uma vez, a obra foi perdendo fôlego, até hibernar numa sonolência de um quarto de século, ou quase!

1.4. Quarta fase:

- **A construção da capela de Santa Maria, no lado norte.**

Uma das boas contribuições de Manuel Real e Pedro Sá – a meu ver – a reinterpretação da epígrafe da consagração mariana, no pé direito do arco que arranca perpendicularmente da face norte e exterior da ábside.

E, quando falo da reinterpretação da epígrafe, remeterei para as duas leituras que se compenetraram: a reconstituição exacta do texto escrito e da funcionalidade que, por ela, se traça ao todo da construção.

A documentação rodericense persiste, de forma invariável, na figura de S. Pedro como orago da comunidade conventual. Se mosteiros ou paróquias se encontram, frequentemente, com escambos de padroeiros ou com o seu desmembramento em titulares secundários, ao

lado de um principal – como aconteceu com o mosteiro de Santo Tirso –, no caso concreto de Roriz a documentação literária que tenho visto reforça um primado **solidário** do Príncipe dos Apóstolos. Ao interpretar o arco, não como mero portão de entrada – por exemplo, nos passais do mosteiro –, mas como verdadeiro arco triunfal de ingresso no coro de uma capela adossada ao templo principal de Roriz, abriu-se uma inteligibilidade maior à possibilidade de coexistência dos dois padroados: o de S. Pedro, para a igreja conventual, e o de Nossa Senhora, para esta simples capela lateral.

Dizem aqueles investigadores: «...Mas torna-se indubitável que tal parede, encostada sem travamento à extremidade do muro cruzeiro, mais não é que a divisória entre a nave e o coro de uma pequena capela outrora construída de encontro ao edifício principal. Ainda se vê o arranque do absidiolo (...) e um encaixe de travamento num dos botaréis da ábside principal. Por outro lado, a passagem que agora está fechada por uma grade de ferro não apresenta qualquer batente de porta, nem local para funcionamento dos gonzos.

Primitivamente, ela servia de arco triunfal e, só assim, julgamos poder explicar o sentido e a localização da epígrafe comemorativa, lavrada num dos silhares que formam o seu pé-direito, do lado norte (...)*. A inscrição é a seguinte:

E M CC LX' VI: INCI
PIT HANC DOMUM IN HONO
RE BEATE MARIE VIRGINIS.



9. Inscrição mariana. Como reforço da capela-mor – e, para espaço funerário dos padroeiros e, talvez, ainda para assento da comunidade paroquial – construiu-se uma capela dedicada a Nossa Senhora, de que resta tão-só o arco triunfal, com a epigrafe votiva, que se traduz: **Na era de 1296 – ano de 1258 – começou-se esta edificação em honra da Beata Virgem Maria.** Mais uma etapa da construção centenária, com a devida demarcação cronológica...

9. Marian inscription As a reinforcement to the main chapel and to provide burial space for patrons and perhaps also to hold the parish seat, a chapel dedicated to Our lady, of which only the triumphal arch remains has a vowed epigraph which translates: **In the era of 1296 (the year 1258), construction of this building began, in honour of the Beatified Virgin Mary.** One more stage of centennial construction duly marked chronologically.

9. Inscription mariale. Comme renfort de la chapelle principale, on a construit une chapelle dédiée à Notre Dame dont il reste seulement l'arc triomphal avec l'épigraphie suivante: Au temps de 1296 l'année de 1258 – on a commencé cette édification à l'intention de la Beate Virge Marie. C'est une autre étape de la construction centenaire chronologiquement délimitée.

Esta informação é preciosa, pois não só ficamos a saber que o pequeno templo estava dedicado a Santa Maria, como também passamos a ter um dado cronológico seguro para uma das fases da obra. A fotografia mostra claramente um X aspado, pelo que a data do reinício dos trabalhos deve situar-se em 1258.

A ermida, além da função de garantir maior solidez à capela-mor, assim ancorada agora por dois

anexos, um de cada banda – ou seja, um do lado norte, da face sul um outro –, deveria servir talvez de espaço funerário para sepultura, especialmente dos padroeiros desta comunidade religiosa agostiniana e seus priores.

Uma sigla na base do campanário do lado setentrional deixará antever o nome do encarregado de agora: um **Mestre Telo**.



Da minha parte, acrescentaria, apenas, que este anexo – a capela de Santa Maria – que é possível fosse espaço tumular das individualidades referidas anteriormente, deveria também anaipar – assim julgo – uma outra finalidade: a de servir de templo para as assembleias litúrgicas da **comunidade secular**. É que, em Santo Tirso, a paróquia de Santa Maria Madalena reunia-se no **nartex** da terceira igreja monástica até 1579, mais ou menos. A partir desta altura, foi recolhida no interior mesmo da

10. Porta principal (pormenor). No portal, a sua decoração inspira-se em modelos antigos, mas sem escapar ao influxo de correntes artísticas recentes. Os leões, de pé, já não ameaçam seres humanos, antes «posam», tranquilos, para a «fotografia». Mantém o fantástico das eras precedentes: dois, mas unicéfalos... As palmetas dos ábacos, esculpidas em talha de bisel, as folhas grandes de simples nervuras, no estilo de S. João de Almedina; os fustes poligonais ornamentados, como em S. Tiago de Coimbra, de flores e conchas (Gerhard N. Graf).

10. Main doorway (detail). The decoration on the portal was inspired by ancient models but without escaping from the influx of more current artistic trends. The lions, standing, no longer threaten humans but rather tranquilly pose for their purpose. But remaining is also the fantasy of previous eras: two lions but unicéphalic. The quoins of the abacus, sculptured in bevel, the great leaves with simple nervures within the style of S. João de Almedina; the ornamented polygonal shafts as in S. Tiago de Coimbra, flowers and shells (Gerhard N. Graf).

10. L'entrée principale (détail). La décoration du portail s'inspire en modèles anciens, mais sans échapper à l'influence de courants artistiques récents. Les lions, debout, ils ne menacent plus les hommes, ils posent tranquillement pour la photo. Ils maintiennent le fantastique d'antérieurs: deux, mais unicéphales. Les coins de serrage des abaque, sont taillés en talha de biseau et les feuilles grandes avec nervures simples, au style de S. João de Almedina; les fustes polygonaux sont ornés avec des fleurs et des coquilles comme à S. Tiago de Coimbra (Gerhard N. Graf).

igreja dos frades, o que motivou uma divisão do templo, que se perpetuaria no levantamento da igreja actual por uma grade de madeira e, em finais do século XVIII, por grade de ferro – que hoje persiste –, desenho de Frei José de Santo António Ferreira Vilaça. Julgo até que o nartex que antecede a igreja próxima de Vilarinho fosse, igualmente, o espaço religioso da família paroquial.

Isto ousaria eu acrescentar, embora timidamente, às sugestões de Manuel Real e Pedro Sá.

11. No remate do dintel interrompido do pórtico, na fachada principal, o hibridismo das representações animais: o naturalismo da cabeça dos bovídeos, rematadas nas linhas geométricas de um focinho tronco-cónico. Um hibridismo que informa todo o conjunto. Por exemplo, os capitéis simétricos: ao lado dos motivos realistas e fantásticos dos grupos de animais unicéfalos, o tratamento mais estilizado dos capitéis fitomórficos e da faixa decorada de quinquedólios.

11. On the main façade, on the pinnacle of the lintel of the portico, we see the animal representations of hybridity: the naturalism of the bovine heads, finished with the geometric lines of a trunk-conic snout. A hybridism which encompasses the whole assemblage. An example: the symmetrical capitals, adjacent, the fantastic, realistic motifs of the groups of anicephalic animals: the most stylistic treatment of the phytological capitals and of the surrounding band decorated with quinquedólios.

11. Au bout du linteau interrompu du portail de la façade principale, l'hybridisme des représentations animales: le naturalisme des têtes des bovidés, terminées aux lignes géométriques par un museau tronconique. Il y a un hybridisme qui informe tout l'ensemble. Par exemple: les chapiteaux symétriques: à côté des motifs réalistes et fantastiques des groupes d'animaux unicéphales, le traitement plus stylisé des chapiteaux phytomorphiques et de la bande décorée avec des quinquedólios.



1.5. Quinta fase:

- Acabamento da empena sobre arco triunfal;
- Execução das cornijas da nave;
- Elevação da empena da fachada oeste e cobertura da igreja.

É a fase da arrematação da obra, pelo último quartel do século XIII, com a cobertura das duas naves, a da igreja e a da capela de invocação mariana.

Anotou Manuel Real e Pedro Sá, confirmando uma intuição de Manuel Monteiro, que há uma influência de Paço de Sousa sobre Roriz: «...não há dúvida que o acabamento de Roriz não pode explicar-se sem ter em mente a oficina de Paço de Sousa. É por demais eloquente o cotejo entre as rosáceas das respectivas fachadas (...), bem como entre os colonelos dos portais, decorados com os símbolos do apóstolo S. Tiago. A Roriz regressaram



12. **Torre sineira.** O estudo das siglas – que, em Roriz, só desapareceram na última fase da construção – permite, com as inscrições epigráficas, seguir a evolução lenta e soluçada das obras da edificação desta igreja. Na torre sineira, que vemos na imagem, deixou a sua assinatura um **Magister Telo** (MRTL), que Manuel Real e Pedro Sá têm por encarregado da obra, nesta fase, o terceiro quartel do século XIII.

12. **The bell tower.** The study of the sigla, which in Roriz only disappeared during the last stage of construction, allows us with the help of the epigraphic inscriptions to follow the slow, interrupted evolution of the church's construction. The bell tower we see in this picture has the signature of a certain **Magister Telo** (MRTL) who **Manuel Real** holds as commissioner of the church's construction (third quarter of the 13th century).

12. **Le clocher.** L'étude des abréviations, jointe, avec les inscriptions épigraphiques, suit l'évolution lente et saignée de l'édification de cette église. **Magister Telo** a laissé au clocher que nous voyons dans l'image sa signature. **Manuel Real** est **Pedro Sá** considèrent **Magister Telo** le chargé de la construction au troisième quart du siècle XIII.

também as arcaturas das cornijas, mas agora estilisticamente refinadas, pela expansão da escultura em bisel aos próprios modilhões. Há um nítido contraste entre as cornijas da ábside e as da nave, o que, uma vez mais, confirma a distância que separa, no tempo, as duas partes do edifício. Por outro lado, é impossível conceber os modilhões da nave sem primeiro se ter produzido a conhecida evolução da escola para o talhe a bisel, e ela começou por dar-

-se mais a sul, junto às margens dos rios Ferreira e Sousa (...)*.

Com S. Pedro de Roriz fecha-se, por assim dizer, um ciclo construtivo, do qual este mosteiro ocupa lugar de destaque, seja como obra pioneira, seja depois como exemplar definitivamente conseguido.

Desaparecem as **siglas** nesta altura, talvez por efeito da alteração do regime contratual do trabalho.

13. A **rosácea**. As frestas das fachadas laterais permitem uma iluminação que uma rosácea, de óculo repartido por um círculo central, cercado de mais oito enlaçados, mantêm, por isso, discreta. Quatro ânnulos, talhados em bisel e concêntricos, servem-lhe de moldura. É um dos últimos elementos da arquitectura de Roriz (finais do terceiro quartel do século XIII), a mostrar uma dependência da oficina de Paço de Sousa.

13. The **rose-window**. The window-slit of the lateral façades allow for a discreet, subtle illumination given out from a single-eyed rose-window. Four concentric angles, chiselled in bevel serve as a frame for a central circle surrounded by eight other interlaced circles. It is one of the last elements of architecture in Roriz (last quarter of the 13th century) demonstrating a subordination to the style of Paço de Sousa.

13. La **rosace**. Les lucarnes des façades latérales permettent une illumination qu'une rosace, de lunette réparti par un cercle central assiégué par huit entrelacés, maintient, pour ça, discrète. Quatre anneaux taillés en biseau concentriques lui servent d'encadrement. C'est un des derniers éléments de l'architecture de Roriz (troisième quart du siècle XIII).



2. A decoração

Peças ornamentais dignas de particular consideração:

- O óculo, sobre a empena oriental, com decoração de rosetas em bisel;
- O portal, decorado com motivos jacobeus;
- A rosácea da fachada ocidental.

Os elementos escultóricos que agora se registam, nesta fase terminal de Roriz — donde a oposição da fachada à ábside! — são tradicionais na região: os **quadrúpedes**, duais mas unicéfalos, e os **focinhos de bovídeos**. Aqueles, dados realistas, que cederão a vez, depois, a ornamentos mais estilizados.

Há dois conjuntos que merecem uma referência à parte. O primeiro constituem-no dois atlantes que seguram o travejamento anterior do coro-alto. Uma cena

genesíaca da tentação e do pecado, com um Adão de olhos arregalados de espanto, frente a uma Eva, que ostenta as maçãs dos seios como "fomes peccati". Atitudes, traços fisionómicos, conceitos do homem vulgar e rural de então. Funcionam como advertência sobre as agruras do castigo. Como sugerem os dois estudiosos que estamos seguindo.

Igual tema na fachada: uma cabeça de homem que espreita através de um pseudo-óculo, aberto num silhar junto ao topo da cornija sul. Um busto que tenta libertar-se das profundezas do ergástulo. O tema do homem prisioneiro foi uma constante na arte de Entre-Douro-e-Minho.

solene era ele que não prescindia de oitavário. E que até, no seu decurso, arredava para o dia seguinte próximo e disponível a festa dos dois apóstolos S. Simão e S. Judas. Era **duplex** a oitava comemorativa.

3. A sacração

A igreja estaria, pois, concluída pelos finais do terceiro quartel do século XIII. Não possuímos as metas definidas. Nenhum texto documental, nenhuma epígrafe, nos podem cronometrar, com exactidão, o ponto de partida e o termo da chegada de uma arquitectura, que se alongaria pelo desbobinar de um século. Quanto ao final, melhor convém distinguir. Do ano em que remataria, pelo menos, nada se sabe. Porque, quanto ao dia e mês, julgo que sim. A sacração foi a **21 de Outubro**, parece. Pelo menos, no século XVI era este o dia em que os cónegos de Roriz celebravam o aniversário do evento. E tão





14. S. Pedro. Magnífica escultura de madeira estofada, do século XVIII, que representa o padroeiro da comunidade monástica agostiniana e da comunidade secular.

14. Saint Peter. Magnificent wooden sculpture from the 18th century representing the patron of both the Augustinian monastic community and the secular community.

14. Saint Pierre. Une sculpture merveilleuse, en bois étouffé, du XVIII^e siècle, qui représente le protecteur de la communauté monastique agostinienne et de la communauté séculière.

IV. UMA VOLTA PELO INTERIOR...

Antes de entrarmos na igreja, repare-se, uma vez mais, no **pórtico**: de três arquivoltas perladas e debruadas, no seu conjunto, por fimbria de círculos enlaçados. Arcos de ponto levemente subido, assentes sobre colunelos octogonais e circulares, com decoração, onde se destacam os motivos jacobeus e rosetas.

Atente-se na decoração **híbrida** dos capitéis simétricos: os motivos realistas e fantásticos dos grupos de animais unicéfalos, ao lado do tratamento mais estilizado dos capitéis fitomórficos e da faixa decorada de quinqüefólios. Veja-se ainda o acasalamento da geometria e do naturalismo, nas cabeças de bóvidos – o focinho tronco-cónico –, ao remate do dintel interrompido.

No plano superior, a rosácea monumental, com

15. S. Lourenço. S. Lourenço era o padroeiro de uma das freguesias unidas a Roriz, desde o século XIII ao século XIX, quando se dará a extinção da paróquia de S. Lourenço de Romão e a sua redução a mero lugar da freguesia de S. Miguel das Aves. Esta imagem é uma escultura de pedra de Ançã, policroma e dourada, de 1,35 m de altura. Parece-me do século XVII. Ostenta o símbolo específico da **grelha** e os genéricos do livro e da dalmática dos diáconos.

15. Saint Lawrence. St. Lawrence was the patron of one of the parishes united with Roriz from the 13th to the 19th century when the parish of S. Lourenço de Romão was extinguished and reduced to the locale of S. Miguel das Aves. This image is a stone sculpture, polychrome and gold, about 1.35 m high from the 17th century.

15. Saint Lourenço. S. Lourenço était le protecteur d'une des paroisses liées à Roriz, depuis le XIIIème au XIXème siècle où la paroisse de S. Lourenço de Romão s'est éteinte et se transforme dans un simple endroit de la paroisse de S. Miguel das Aves. Cette image c'est une sculpture en pierre d'Ançã, polychrome et dorée, avec 1,35 m d'hauteur. Il me semble qu'elle appartient au XVIIème siècle.



1. O Corpo da Igreja

profusão decorativa. O seu talhe de bisel faz surgir, caprichosas, da pedra bruta quatro molduras anulares e concêntricas – lisa e semicircular, de pérolas, quiquefólios e rosetas –, em torno de um óculo que se reparte num círculo central e a que fazem côrte um grupo de oito, mais pequenos e enlaçados.

De uma só nave.

Mal se entre, logo somos dominados pelo sentimento da majestosa dignidade que resulta da conjugação de duas vertentes: a elegância das proporções e a continência do aparato decorativo. A penumbra que nos envolve, por efeito de uma sábia



16. O claustro. A área do claustro envolvente, para além dos aposentos dos Piores ainda de pé, abarca hoje um amontoado informe de elementos que pertenceram às galerias. Na parede, ao fundo, para além do arco que se vê na imagem, a lápide funerária de um Mestre Soeiro.

16. The cloister: The surrounding area of the cloister, apart from the Priory quarters which still remain, today houses an amorphous heap of elements which belong to the galleries. On the wall, at the end, apart from the arch we see in the picture is a tombstone belonging to a certain Mestre Soeiro.

16. Le cloître, la partie du cloître, maison-dehors, au delà des chambres des Piores, englobe un amas informe d'éléments qui appartiennent aux galeries. Sur la mur, au bout, à l'extrémité de l'arc que l'on voit dans l'image, on voit la plaque funéraire d'un Maître Soeiro.

dosificação da luz coada da rosácea e das seis frestas altas, mas estreitas, dá corpo a um como que arrebatamento num halo indefinido de mistério.

Debaixo do coro-alto, vejamos os **modilhões** onde assenta a trave anterior que lhe serve de suporte: a versão provincial e local, que naqueles se inscreve, a saber, a da tentação, do pecado e do castigo do Gen. 3...

Já perto da capela-mor, do lado do evangelho, um **epitáfio**. É uma tampa de sepultura rasa de Manuel

Marinho Falcão de Castro de Morais Bacelar, ministro que foi da Justiça de D. João VI. A epígrafe alude às condecorações de Cavaleiro da Ordem de Cristo (28 de Novembro de 1804) e à Comenda de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, com que foi agraciado. Faleceu a 7 de Fevereiro de 1831. Nas suas exéquias pontificou o abade de Santo Tirso, o penúltimo antes da extinção, D. Frei José Alexandre do Sacramento.

Escudo esquartelado de Marinho, Falcão, Castro e Morais. Timbre de Marinhos (uma sereia).

2. O Coro

Dois degraus permitem a transposição do nível do corpo da igreja para o presbitério. A abóbada de dois corpos: a primeira secção de berço, seguida da posterior, esta de concha. Delimitam-nas dois arcos plenos assentes sobre colunas adossadas e rematadas por capitéis, de decoração fitológica, bastante estilizada, com coroamento de motivos espiralados.

Da base semicircular da abóbada de quarto de esfera pende para o chão uma ábside. Em oposição à face exterior, de recorte semicircular, o lado interno quebra-se numa articulação poligonal de cinco faces. Aligeira-as, até dois terços de altura, uma sequência de arcos cegos, de meio ponto, sobre colonelos de elegante silhueta. A nível mais elevado, três frestas, flanqueadas também de colonelos, tudo de lavor e desenho tão raro como primoroso. As três janelas, rasgadas nas duas faces extremas e na do meio, projectam-se na convexidade da face exterior, com o mesmo proporcionado recorte, desta feita separadas entre si por dois grupos de falsas janelas geminadas, que das outras se não intimidam na beleza do seu aprumo.

Aos ângulos da articulação desta área quebrada correspondem, simétricos, na superfície semicircular exterior, os contrafortes e as colunas adossadas que ritmam, em regime de alternância, as frestas simples e as geminadas.

Na primeira metade deste século, aquando do restauro efectuado sob a direcção dos Monumentos Nacionais, retiraram do coro um imponente retábulo maneirista, recortado pela tribuna e coroado pelo emblema da Companhia de Jesus. Estigmas do padroeiro de após extinção!

No que toca a **escultura**, importará se atente nas que seguem:

- **S. Pedro**, imagem de madeira policromada, do século XVIII;
- **S. Lourenço**, escultura de pedra de Ançã, policroma e dourada, de 1,35 m de altura.

3. A Sacristia

Já Manuel Real e Pedro Sá puseram o problema da intenção deste anexo sul da igreja de Roriz. Que serviu de contraforte, sim. Depois da derrocada dos fins do século XII. Até porque há sintomas de que não fora, inicialmente, previsto! Mas, para além desta função subsidiária, para quê este anexo? Sala de Capítulo? Sacristia? Desde o século XVI, pelo menos, restou infuncional, quanto à primeira das alternativas. Até hoje, pois, sacristia...

Aqueles dois autores chamam a atenção para a epígrafe de Mendo Odoriz, visível sobre o exterior da fachada deste anexo, que nos garante a cronologia do termo **ante quem**, quanto à edificação deste sector: antes de 1225.



17. A porta principal (pormenor). Rasgada na fachada ocidental abre-se a porta flanqueada de três colunelos reentantes, de secção octogonal e circular adornados de motivos jacobeus e quadrifólios, encimados de capitéis, onde avultam os elementos delicados da fitologia, ao lado de motivos fantásticos e zoomórficos, como os animais duais, mas unicéfalos, com que remata a coluna central.

17. The main doorway (detail). Sit on the occidental façade and flanked by three small receding circular columns, octagonal shaped, adorned by jacobean and quadrifoliate motifs, topped which sit capitals augmented by delicate elements of phytology adjacent to fantastic and zoomorphic motifs such as the double but unicephalic lion) finish the central column.

17. La porte principale (détail). Déchaînée dans la façade occidentale, la porte s'ouvre flanquée par trois colonnettes rétrogrades de coupe octogonale et circulaires décorées avec des motifs jacobéens et quadrifolies surmontés de chapiteaux où agrandissent les éléments délicats de la phytologie, à côté de motifs fantastiques et zoomorphiques, comme les animaux duels, mais unicéphales, comme il termine la colonne centrale.

4. O Claustro

Do claustro, praticamente, só a área sobrevive. A testemunhar a edificação que houve, apenas um amontoado **informe** de elementos arquitecturais.



BIBLIOGRAFIA

1. Fontes Manuscritas

- ADP • Roriz 1 (Tombo de 1543);
 • Roriz 2 (Traslado do Foral de Roriz);
 • Roriz 3 (Livro de Prazos 1585-1603);
 • Roriz 4 (Livro de Prazos 1747-1751);
 • Roriz 5 (Livro de Prazos do Convento e outros instrumentos estranhos a ele: 1575-1579);
 • Roriz 6 (Livro de Receita 1759);
 • Roriz 7 (Livro de Recibo 1730...);
 • Roriz 8 (Autos respeitantes à jurisdição do Couto de Roriz, 1725...).

AUC (1)

- Pergaminhos portugueses do século XIII 19;
- Pergaminhos latinos do século XIII 19 e 34;
- Pergaminhos do século XIV. Mosteiro de Roriz 8-28;
- Pergaminhos do século XV. Mosteiro de Roriz 165-225;
- Pergaminhos do século XVI. Mosteiro de Roriz 198-271.

ANTT (2)

2. Fontes Impressas

AZEVEDO, Agostinho de – O Mosteiro de Roriz. Subsídios para a sua história, em "Artes e Letras". Suplemento Literário de "Novidades", nº 25, de 6 de Fevereiro de 1938.

AZEVEDO, Rui Pinto de – DMP, Documentos Particulares, vol. III, Lisboa, 1940.

BDGEMN, Igreja de S. Pedro de Roriz, nº 9, Lisboa, 1937.

Censual do Cabido da Sé do Porto, ed. da Biblioteca Pública Municipal do Porto, Porto, 1924.

Corpus Codicum Latinorum et Portugalensium, vol. I-VI, Porto, 1891-1957.

(1) Indicarei as referências de harmonia com a catalogação de Gabriel Pereira (*Catálogo dos Pergaminhos do Cartório da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1880*). Uns 159 documentos, pelo menos, que se encontram no Arquivo da Universidade de Coimbra e que dizem respeito a Roriz.

(2) Tenho a notícia de documentos do século XII (dois) e do século XIII (quatro) sobre uniões de igrejas e doações a Roriz. E de mais dois do século XIII, a respeito de emprazamentos que se referem a este mesmo mosteiro.

- CORREIA, F. Carvalho – Para a história do mosteiro de Roriz. Os seus Priores, em "Ecos de Negrelos", de Junho de 1993, p. 12; id. Para a história dos conventos de Roriz e Vilarinho. Dois Priores do séc. XVI: João Fernandes Farta e Adriano Fernandes de Almeida, em "Ecos de Negrelos", de Abril de 1994, p. 11; e de Maio de 1994, p. 11; id. Para a história dos Priores de Roriz. O Prior João Álvares, em JST de 8 de Julho, de 1994, p. 3. Id., O Mosteiro de Roriz: um inventário de 1543, em "Ecos de Negrelos" de Julho de 1994; p. 13; id. O Padroado de Roriz, em "Ecos de Negrelos", de Novembro de 1994, p. 12 id., Para a história das Ordens Religiosas, no Concelho de Santo Tirso. A Residência da Companhia de Jesus, em Roriz (1573-1759), em JST de 27 de Outubro de 1995, pp. 7-8; e de 24 de Novembro de 1995, pp. 9-10; id., Para a história dos mosteiros de Santo Tirso. Vilarinho, Roriz e Santo Tirso, em documentos medievais, em JST de 22 de Março de 1996, p. 3; id. Os mosteiros de Santo Tirso: Documentos medievais: A Bula de Calisto II Officii mei, de 1120, em JST de 19 e 26 de Abril de 1996, p. 3; id., Uma cadeia de solidariedade entre Bentos e Agostinhos, no século XIV, em "Ecos de Negrelos", de Julho de 1995, p. 15; id. A fundação do Mosteiro de Roriz em JST de 26 de Julho de 1996, p. 7; id., O obituário rodericense em JST, de 26 de Julho de 1996, p. 8; id., Priores de Roriz em JST, de 26 de Julho de 1996, p. 8.
- Guia de Portugal, vol. IV: Entre Douro e Minho. I – Douro Litoral, ed. da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1985.
- LACERDA, A. de – História da Arte em Portugal, vol. I, Portucalense Editora, Porto 1942.
- MADAHIL, A. G. da Rocha – Uma certidão de Fernão Lopes passada ao Mosteiro de Roriz, em 1451, em "Rev. de Guimarães" 46, 3-4, Julho-Dez.^o de 1936) 184-204; 47, 1-2 (Jan.^o Junho de 1937) 95-105; 47, 3-4 (Julho-Dez.^o de 1937) 241-256; 48, 1-2 (Jan.^o -Set.^o de 1938) 43-63; 48,4 (Outubro-Dez.^o de 1938) 245-276.
- NÓBREGA, Vaz-Osório da – Pedras de armas do Concelho de Santo Tirso, ed. da Câmara Municipal de Santo Tirso, 1957.
- PEREIRA, Gabriel – Catálogo dos Pergaminhos do Cartório da Universidade de Coimbra, Imprensa da Universidade, 1880.
- PIMENTEL, Alberto – Santo Thyrsos de Riba d'Ave, ed. do "Club Thyrsense", Santo Tirso, 1902.
- PINHEIRO, P.e Luis Martins – À Roda de Negrelos, Porto, 1957.
- Portugal Roman, vol. III, col. "Zodiaque", ed. de l'Abbaye Sainte-Marie de la Pierre-qui-Vire, Yonne, 1987.
- REAL, Manuel, e SÁ, Pedro – O Mosteiro de Roriz, na arte românica do Douro Litoral, em "Actas do Colóquio de História Local e Regional" (Santo Tirso 17 e 18 de Março de 1979), ed. da Câmara Municipal de Santo Tirso, 1982, pp. 233-280.
- RIBEIRO, João Pedro – Dissertações Chronológicas e Críticas vol. III, Lisboa, 1811.
- SANTARÉM, Carlos Manuel Faya – Inscrições Portuguesas do Concelho de Santo Tirso, em CST – IV 3 (1956) 275-279.
- SANTOS, Maria Manuela da Silva – A Freguesia de S. Pedro de Roriz, no século XVIII (Ensaio de Demografia Histórica) (Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Univ. do Porto, dactilografada) Porto, 1973.
- SANTOS, Reynaldo dos – O Românico em Portugal, Ed. Sul, Lda, Lisboa, 1955.
- VASCONCELLOS, Joaquim de – A arte românica em Portugal, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1992.

FROM THE COLLECTION
OF GUIDES OF THE
CULTURAL HERITAGE OF
SANTO TIRSO...

GUIDE TO

THE CHURCH AND MONASTERY OF RORIZ

Original text by Francisco Carvalho Correia

Translated by Mrs. Susan C. A. Araújo

I. Historical Periodization of the Convent of Roriz

Two periods encompass the monastic history of this convent, now integrated in the Concelho of Santo Tirso.

1. From 1070 to 1173

- D. Toure Sesnandes founded the monastery of Roriz in 1070.

- Monastic rule during this period (1070 to 1173) had not yet been individualised.

- The monastery however, already with some notoriety, receives the lands of Roriz and Lordelo and is nominated in the Bula de Calisto II *Officii mei*, of March 2nd 1120 which placed it within the diocesan jurisdiction of the Bishop of Porto but without viability, since Roriz and its canons never knew of another Episcopal jurisdiction except that of Braga!...

2. From 1173 to 1572

- In 1173, the monastery of Roriz is donated by D. Afonso Henriques to Santa Cruz of Coimbra. It then followed therefore, the rule of Saint Augustine.

- From the end of the 17th century to the end of the 18th century, the canons built the present church of Roriz.

- Still within the period of the Piores commendatories (it is difficult to date precisely this period when the Piores are elected ends and the regime of commends begins) in 1543 an inventory is made which gives us an idea of the agrarian domain this monastery tillied along the centuries, revealing a much greater extension than was thought.

- With the death of the last Commendatory Prior, Luis Fernandes, in 1572, the monastery is closed.

In 1573 a great change of course in the life of Roriz takes place. Until then, two communities cohabited; a secular one, under the immediate guide of its curate and a monastic com-

munity, under the administration of the Prior. These were two distinct communities.

Even the liturgical areas were differentiated. The monks occupied in the church, the temple itself, whereas the parish had its cultural acts in the chapel back to back with Santa Maria.

In 1572 the monastic community is extinguished. Only the parish community remained and now had the entire church at its disposal. The monastery was reduced to simply a residence of the Company of Jesus (Jesuits), seated at Colégio de S. Paulo in Braga and administered by them.

During this period, after the extinction of the convent and the monastic community, it is possible to scale certain stages:

1. From 1573 to 1759: Roriz is under the administration of the Company of Jesus.

- The union of Roriz to the Colégio de S. Paulo in Braga (1573)

- The abolition of the community of Santa Maria de Negrelos and its integration as place of (part of) the parish of S. Pedro de Roriz (1575)

- The Jesuits of Colégio de S. Paulo act as patrons and donees of Roriz up until their expulsion by the Marquês de Pombal (1759).

2. From 1759 to 1774: Roriz and all its belongings and holdings become property of the Crown.

3. 1774-1775: Period in which belongings and property of Roriz is administered by the University of Coimbra.

4. From 1775 onward, we see a division in the destiny of the church's administration, on one side what was once the

convent's residence, and on the other its rural properties. The monastery and its property, excluding of course the church which was under the administration of the university, now falls into the hands of private owners. It first belonged to Sebastião José Teixeira de Carvalho e Sousa, having bought it from the university in 1775. Later, in 1790, it was donated to his niece D. Angélica Maria Teixeira de Carvalho e Sousa da Cunha Ferraz, married to Manuel Marinho Falcão de Castro de Moraes Bacelar and whose sepulchre is in the main body of the church of Roriz, on the Gospel side. From this matrimony, surges the immediate owner (1831), António Marinho Falcão de Castro Moraes Bacelar, made Viscount of Roriz, in 1853. Shortly after (1902) his son, Manuel Marinho is made lord of the convent.

II. The Establishment of the Monastery of Roriz

When dealing with a fact of this importance, one of the first problems posed is naturally where it fits in history. Since we have already covered its location, it becomes of interest to compliment the institution's intermundane silhouette with another dimension, that of time, especially of the religious house's origins. This way we integrate it fully into the world of man and into the heart of history.

1. Unfounded opinions

All those positions that, as far as we know, offer nothing solid as to guarantee them, must be put aside.

In this way, one position is that of Pinho Leal, which José Augusto Vieira follows, which takes the monastery of Roriz back to at least the year 887 when it was donated to Mumadona. This assertion hasn't got any documented basis and *a priori* could never have been, given the tender age of the supposed donee in the year 887.

Similarly, the opinion of Américo Costa is also unfounded dating the monastery further back to the 8th century. Not even the source which inspired him is trustworthy.

2. D. Toure Carnão, establishing Vairão and Roriz...

Closer to reality is the book *Livro Velho de Linhagens* (Old Book of Lineage) or more concretely, *Livro do Deão* (Dean's Book):

And this Nuno Velho, El Vejo, was married to Elvira Toures, daughter of dom Touro Carnão, who as a consequence established the place of Vairão and Roriz.

2.1 The relation between D. Toure and Vairão

It is true that much of the information contained in the book *Livro de Linhagens* is deficient and even deceiving, and very often, certain true figures seem to appear with those evoked by pure fantasy such as with the monastery of Santo Tirso, where the original footsteps appear to be secure (such as its founder, its location, Villa Moraria) mixed together with facts wholly without consistency such as the monastery's organ, for example...

Similarly variegated is the monastery of Roriz. It was therefore not D. Touro Sernão who founded the monastery but rather his sister-in-law, D. Pala according to a tombstone dated 1035. There could nevertheless, be some truth to the affirmations made in the book *Livro Velho de Linhagens*. It appears that D. Touro Sernão intervened alongside with D. Pala and supported the construction of the monastery in Vila do Conde, which could have attributed him the role of edifier of Vairão as the book states. As a matter of fact we see him alongside his sister-in-law in the defence of another monastery, that of Leça, against his brother Odório. Therefore, if not founder, he was at least co-founder of Vairão. There exists documentation from a family member dating the monastery back to the end of the 11th century and beginning of the 12th century, rendering further credibility to the book. With respect to

this religious house in Vila do Conde, a certain Elvira, Mother superior of the convent of Vairão, in 1141, received, due to her position, a letter from D. Afonso Henriques granting her the lands. Manuel Real has placed her as the daughter of D. Toure Sernão, and according to Mattoso, the grand-daughter. This medievalist follows that the book *Livro de Linhagens* states she is D. Toure's daughter because she is identified as Ausenda and whose husband is Nuno Soares Velho. It goes on to say that she only became abbess when her husband died.

2.2. The relation between D. Toure and Roriz

But it is also insinuate and perhaps even more trustworthy D. Toure Sernão's relation, which Mattoso identifies in Torsário (other alternatives include Tosário, Todário, Toderedo), with Fromariques or his descendants with this monastery. A document dated 1185 states that the Prior Arias (or Aires) re-vindicated for the monastery the church of S. Paio de Parada (later called Virões) and a couple which were D. Mor Toeriz. This patronymic records a blood relation with the referred D. Toure.

The Dionysian inquests relate to lands belonging to Roriz which were granted to Mem Touriz, another name to record, later a figure the authors of the book of lineage attribute as founder of the monastery. The text from the inquest states the following:

...the parish of São Tiago de Lordello where there are lands called Lordelo and marked and bound by the monastery of Roriz and the daughters and grand-daughters of João Carapesos.

Witnesses affirm knowing that these had previously belonged to Mem Roriz.

This leads us to believe then with a certain plausibility that there exists a connection between D. Toure and his descendants and the monastery of Roriz in relation at least to its foundation and patrons. Since D. Toure lived through the mid and latter half of the 11th century, we may place the monastery's foundation to this time.

3. Subsequent documented facts

3.1. The first secure piece of information dating the monastery's foundation comes from a letter of exchange or trade made between the monastery of Roriz through Fr. Mendo and Fr. Gundesindo David, the procurator of the monastery (whose name was Tolereo Pinionis) on one hand and Guterre Suaz, with Unisco Osoreis, on the other, dated 1096. The convent traded some of its properties from the town of Vila de S. Tomé, close to Monte Córdova, by the river Vizela, for an estate situated in Negrelos.

Other documented texts relating to the monastery hold that in 1115 one of its properties called S. Martinho do Pelhe (now called S. Martinho do Vale, Vila Nova de Famalicão) was exchanged for another, belonging to Mendo Veilaz and his wife.

The following year, in 1116, the monastery was benefitted with a donation of several properties by Mendo Gonçalves and his wife.

Noteworthy is the one of Bula de Calisto II, *Officii mei*, of 1120. It deals with the problem of boundaries of the dioceses of Braga and Porto: confirming the River Ave, from the mouth of the River Vizela to Vila do Conde, as the limit of the two ecclesiastic administrations and the monastery of Roriz as the integrate boundary of the diocese of Porto, although without practical succession as was already referred.

Still in this early stage of existence, belonging to a rule that is difficult to state exactly, and according to tradition which the diocesan inquests (1290) precedes, the monastery receives a letter granting it land.

3.2. A century after its founding, the monastery is passed into the hands of Santa Cruz of Coimbra, by donation of the king himself. As was with the monastery of Santo Tirso, but here in 1090, the change of course in the spirituality of the monastery included something greater which involved the construction of a new religious house.

Of the primitive convent in Santo Tirso, that of 978, only documented testimony remains. From the primitive monastery of Roriz, that one which substituted the original up until approximately the last quarter of the 12th century, what rests are a few architectural fragments (according to Manuel Real). These include a figurative capitol, a frieze, an impost and two column bases with archaic features. This author has described them as: "... As for the capitol, it represents a strange winged creature with a hand and a falus. The frieze too is difficult to distinguish its exact design although we assume it is vegetal with alternating leaves zig-zagging from half-way up the staff. The impost is no doubt the most interesting because of its dimensions and must have belonged to festivity. It is decorated by two storeys of intertwining cords, the lower one being more extensive and adorned with pearls. This decorative element allows us to place the previous construction within an ornamental current which from an early time flourished in the diocese of Braga. We see this idea confirmed in the capricious base of the socle which repeats a motif of interlacing ribbons and where the scotia, a hollow frame at the base of the column, disappears under a rope. This stringing seems to derive from previous Arab models and the same can be said of the other base, whose profile, simple and almost conic, came to be a classic after the first Romanic period.

It is this, the architectural remains, therefore what is left of the first monastery of Roriz, dating from its origins in 1070 to approximately 1170. About a century of vigour!

During this first stage:

• The religious body of the monastery follows a rule which we do not know.

The monastery gains a certain prestige with the help of its patrons D. Toure Sessão and his descendants, and with a political aureole in favour of such, is given the privileged lands they occupied, those of Roriz and Lordelo.

Later, the turning point in 1170:

• The adoption of the religious rule of Santa Cruz de Coimbra

• The construction of the church which today is an artistic pearl of the Santo Tirso area.

III. The Construction of a New Monastic Church (and Parish)

Toward the entrance of the last quarter of the building, or there about, we place the monastery to the year 1173. The community of Roriz at this time had changed direction. D. Afonso Henriques had given the monastery to the congregation of Santa Cruz de Coimbra. Within the context of the pre-lature of D. Aires, who in 1185 re-vindicated the church to Virões' patronage from a couple who had been the founders of the convent and all its successors.

Equally within this context, the construction of a new church would occupy the turn of the century. In effect, numerous difficulties delayed its inauguration: technical problems, socio-economic difficulties, fortuitous and occasional accidents... there were so many possible causes for the delay! Manuel Real and Pedro Sá remind us of the fall of the vault and walls of the apse shortly after being built, of the chancel, of the monastery's battles with a noble who favoured a restricted piece of land within Roriz and caused a struggle between the conventuals and resulted in the violent death of two priors in D. Afonso II's time (1211-1223)...

1. The stages of construction

These historians mentioned above, by analysing monograms and inscriptions, by observing ashlar etc., schematised in this way the stages of the present church's construction.

1.1. From the end of the 12th century:

- the construction of the chancel
- construction of the nave begins, foundations were laid

and the erection of the south wall up to a height of about four meters.

At this time a catastrophe halted further construction: the chancel vault fell. The fact is certain. The causes of this are less clear. Possible causes could have been a prolonged interruption of work and a subsequent lack of juncture with the arch. Or perhaps an earthquake. The causes may well have been these or others but the fact remains that it collapsed the church's construction. There are visible signs of failure such as at the Choir's entrance where we see paramagnets of varied types between the chancel and the body of the church and in the apse, a disagreement in the ashlars.

Characterising this first stage of construction, the historians Manuel Real and Pedro Sá have written: "The first stage denotes a superior perfection. Although relatively sober, this 'atelier' is the most original and that which shows greater workmanship. Exotic solutions surface such as the hexagonal plan of the interior, the disconnected torus outlining the windows, the cornice etc. The flora too is much more developed than appears at first sight. A bit unexpected, the leaves present themselves curiously concave at the base, which hints of gothic (...) Although the capitals are very close to traditional design, certain details surface which, because of their rarity could only be explained by the presence of a master from another area."

1.2 Beginning 13th century: From this period we see:

- the consolidation of the chancel walls
- the restoration of the vault
- the construction of a buttress next to it
- the raising of the nave's lateral walls
- the execution of the portals

From monograms we see that other artists worked during this second stage. If there are stones signed with the same monogram, these could simply have been reused during the construction. There appears to be a signature, João, which could have been a commissioner, represented by a simple abbreviation.

"With reference to the vault, the ends are of an original

form, with radial edges resting on the angles of the apse's interior polygon. This solution must have been sketched during the first stage and the new master was forced to respect the previous project's lines. Apart from this stylistic evidence, this theory is supported by the fact that the remainder of the second stage shows poor technicality and lacks imagination."

Nevertheless a bad omen was to pursue the church's construction and once more work was stopped due to a dispute over the monastery's property.

Testimony of the inquest makes reference to this period of restlessness.

1.3. The third stage (before 1225):

- edification of the south annex (presently the church's sacristy)

As construction of the conventual church resumed, the constant reminder of destruction and ruin remained threatening like 'Damocles' sword. This became the ground for a certain apprehension. But work resumed, duplicating efforts and reinforcing its construction. A sacristy of the chapter hall, annexed back to back with the exterior south wall of the apse, gave the church the reinforcement it so badly needed. A funerary inscription, still in its original place, open at one of the triple arched handrails which lead to the cloister, indicates the chronology of its elevation:

II NNS FBRII Ob
MENENDUS ORDORICI
E M CC XIII

Therefore, in 1225, the sacristy or chapter hall was already completed. Since its erection, it served not only as a place of assistance to religious services or capitular decisions with the convent's prior but also as a reinforcement to the security of the building. There are signs that indicate that this annex was initially not intended for that place.

Once again construction was halted and went into hibernation for almost a quarter of a century.

1.4. Fourth stage:

- construction of the chapel of Santa Maria on the north side

One of Manuel Real and Pedro Sá's best contributions was the reinterpretation of the Carmelite friar's consecration epigraph at the foot of the arch perpendicular to the north side on the outside of the apse.

When I speak of a reinterpretation, I refer to the two readings. The exact reconstitution of the written text and the function of it, is traced throughout all of the church's construction.

Documentation persists invariably with the figure of St. Peter as the patron saint of the conventual community. We often see monasteries and parishes changing its patrons or with secondary titulars beside a principal one as we see in the monastery of Santo Tirso but with this monastery (in Roriz) literary documentation reinforces a primary, solitary, patron, the Prince of the Apostles. When interpreting the arch, it becomes not a mere entrance but a triumphant arch of ingress to the choir of a chapel back to back with the main Roriz temple, attributing a greater intelligibility given the two coexisting patrons: St. Peter for the conventual church and Our Lady for this simple lateral chapel.

These scholars write: "...It undoubtedly appears that such a wall, resting against the extreme of the transept wall without being linked, is nothing else but a division between the nave and the choir of a small chapel formerly built on the shoulders of the main building. We can still see the uprooting of the apses (...) and an encasement of a link on one of the buttresses of the main apse. On the other side, on the passage which is now closed off by an iron rail, doesn't show any sign of ever having had a doorpost or of the hinges ever having been used. Initially, it served as a triumphal arch and only so can we explain the location of the commemorative epigraph,

inscribed on one of the north side ashlars. The inscription is the following:

E M C C L X' VI: INCI
PIT HANC DOMUM IN HONO
RE BEATE MARIE VIRGINIS.

This precious information not only tells us that the small temple was dedicated to the Virgin Mary but also gives us sound chronological information about one of its construction stages. The epigraph clearly shows a faded X indicating work began once again in about 1258.

The chapel, besides its function of guaranteeing stability to the main chapel (now anchored by two annexes on each side, or rather, one to the north and the other to the south) was also a burial space, especially for the remains of this religious community's patrons and its priors.

A monogram at the base of the bell tower on the septentrional (northern) side indicates the commissioner of the building at the time: Mestre Telo.

On my part, I would only add that it is possible that this annex, the chapel of Santa Maria, not only served as a burial ground for the referred individuals but must have also served another purpose: as a temple for liturgical assembly of the secular community. In Santo Tirso the parish of Santa Maria Madalena assembled at the third monastic church's narthex until about 1579. After this time, meetings were held inside the monks' actual church which led to a division in the temple. It perpetuated in the erection of a rail in the actual church, initially made of wood and then substituted by an iron railing in the 18th century by Frei José de Santo António Ferreira Vilaça and which still stands. I believe that the narthex of the church near Vilarinho was used in the same way.

This would lead me to add, although timidly, my view to that of Manuel Real and Pedro Sá.

1.5. Fifth stage:

- Completion of the gable over the triumphal arch;
- Execution of the nave's cornices;
- Elevation of the west side facade's gable and church roof.

It is at this stage, during the last quarter of the 13th century, where the final touches are given to the church and chapel.

Manuel Real and Pedro Sã, confirming an intuition by Manuel Monteiro, notes that there is a certain Paço de Sousa influence about Roriz: "... there is no doubt that the final stages of work on the monastery of Roriz cannot be explained without keeping in mind the workshop of Paço de Sousa. The procession between the rose-windows of the respective facades is so eloquent (...), and between the small columns of the portals, decorated with symbols of Saint James the apostle. To Roriz the ornamental imitation of arcades on the facade's cornices has returned but now it is stylistically refined through the expansion of the bevelled sculpture of the modillions. There's a clear contrast between the apse's cornices and those of the nave which once again confirms the lapse of time between the construction of the two parts of the building. On the other hand, it becomes impossible to conceive the nave's modillions without first having evolved the renown school of bevelled sculpture which first began to appear further south, by the banks of the rivers Ferreira and Sousa (...) It could be said then that with St. Peter of Roriz a circle of construction was closed of which the monastery occupies a distinctive place, not only as pioneer work but later as an example which was definitely followed.

The monograms disappear after this point, perhaps because of the altered contractual regime.

2. The decoration

Ornamental pieces worthy of particular consideration:

- the eye-window, above the gable – decorated with bevelled rosettes

- the portal – decorated with Jacobean motifs
- the rose-window of the western (occidental) facade

Sculptured elements which were registered during this final stage of Roriz are traditional to the region: the quadruped animals, twofold but with a single head, and the bovine's snouts. These gave way to more stylistic ornaments.

There are two sets which are worth a special reference to. The first are two atlas (the figure of a man holding a weight) which support the anterior framework of the high-choir. A scene from Genesis, the temptation of sin, with Adam wide-eyed in astonishment facing Eve, ostentates her breasts as are "fomes peccati". Altitudes, physiognomic traits and concepts of ordinary rural men of the time. They serve as warnings against the grief of punishment.

The same theme presides over the facade: a man's head which looks out of a pseudo eye-window, open at an ashlar at the top of the south cornice. A bust which tries to free itself from the depth of a dungeon. The theme of man as a prisoner is constant in the works of art from the area between Douro and Minho from this period.

3. The consecration

The church was finished by the third quarter of the 13th century. No documented text, no epigraph can pinpoint with certainty the start or the finish of this architectural work which ran along a century. Its final year of construction is unknown but we do know the day and month. The consecration seems to have taken place on the 21st of October. During the 16th century the canon of Roriz celebrated the anniversary of this event. This was such a solemn and pompous an event that it lasted eight days. It rounded the feasts of St. Simon and St. Judas.

IV. A Trip inside...

Before entering the church, note the portico. The entrance has three pearl archivolt borders by a fringe of entwining circles. The arches are slightly raised, set on octagonal and circular columns and decorated with Jacobean and rosette motifs.

Noteworthy is the hybrid decoration on the symmetrical capitals. The realistic and fantastic motifs of groups of one-headed animals lie next to the most stylistic of capitals. There's a harmonious mixture of naturalistic and geometric decoration on the bovines' head.

Above, is the monumental rose-window, abundantly decorated. Its bevelled work stands out of the rough stone in four annular and concentric frames round an eye-window which divides itself in a central circle and cut in eight, smaller and intertwining circles.

1. The body of the church

The church is of a single nave.

Upon entering we are struck by the majestic sense of dignity resulting from the conjugation of two elements, the elegance of its proportions and the continence of its apparent decoration. The penumbra which surrounds us, caused by a clever way of filtering the light coming in from the rose-window and the six thinner high slits give us the impression of being flooded by an infinite halo of mystery.

Below the high-choir we see the medallions where the anterior beam that supports them rests: the provincial or local version of its inscription relates to the story of temptation, sin and punishment from Gen.3...

Near the main chapel, on the Gospel side is an epigraph. It is a levelled tombstone belonging to Manuel Marinho Falcão de Castro de Moraes Bacelar, the justice

minister of King D. João VI's court. The epigraph refers to his being named Knight of the Order of Christ (28th November 1804) and to the insignia of Our Lady of Conception of Vila Viçosa. He died on February 7th, 1831. During his funeral rites the abbot of Santo Tirso was pontificated, the last before D. Frei José Alexandre do Sacramento's extinction.

The coat of arms quartered by a Falcon, a Maritime, a Castle and a Wall The Marine crest displays a mermaid.

2. The choir

Two steps lead us to the body of the church. The vault has two bodies: the first section, a cradle and the other a shell. Two arches, well set in columns and finished by very stylistic capitals crowned with spiralled motifs, delimit these.

From the semi-circular base of the vault hangs an apse to the floor. Adjacent to this, on the outer portion, of semi-circular shape, is a five-sided polygon joint. About two-thirds upward is a sequence of arches on elegant columns. Higher up are three window-slits, also flanked by columns, all of such rare and perfect work. The three windows, opened at the extreme sides and in the middle, project themselves onto the convexity of the exterior face of the same proportioned border. These are separated by two groups of fake twin windows equal in the beauty of its haughtiness.

During the first half of this century, during the course of restoration under the direction of the National Monuments, an important mannerist altarpiece was retrieved from the choir, cut from the pulpit and crowned with an emblem of the Company of Jesus.

Important pieces of sculpture include the following:

- St. Peter (S. Pedro), polychromatic wooden statue from the 18th century
- St. Lawrence (S. Lourenço), stone sculpture from Ançã, polychrome and gold, about 1.35 m high.

3. The sacristy

Manuel Real and Pedro Real posed the problem of the original intention of this annex to the church of Roriz. That it served as a reinforcement to the building, indeed it did, after the collapse of the vault in the 12th century. There are signs it was not initially planned! But, besides this subsidiary function, what purpose did this annex serve. Chapter Hall? Sacristy? Until at least the 16th century it is probable that it remained unused. Today it is the church's sacristy.

These two authors call our attention to the epigraph of Mendo Odoriz, visible above the outer facade of this annex. They assure us of the ante quem chronology of the edification of this section: before 1225.

4. The cloister

Of the cloister, practically only the area remains. Only a pile of architectural elements are witness to this part of the monastery.

- Roriz 3 (Livro de Prazos 1585-1603)
- Roriz 4 (Livro de Prazos 1747-1751)
- Roriz 5 (Livro de Prazos do Convento e outros instrumentos estranhos a ele: 1575-1579)
- Roriz 6 (Livro de Receita 1759)
- Roriz 7 (Livro de Recibo 1730)
- Roriz 8 (Autos respeitantes à jurisdição do Couto de Roriz, 1725...)

AUC (1)

- Pergaminhos (parchment manuscripts) portugueses do século XIII 19;
- Pergaminhos latinos do século XIII 10 & 34
- Pergaminhos do século XIV. Mosteiro de Roriz 8-28;
- Pergaminhos do século XV. Mosteiro de Roriz 165-225;
- Pergaminhos do século XVI. Mosteiro de Roriz 198-271.

BIBLIOGRAFIA

ANTT (2)

2. Published Sources

1. Manuscripts

- ADP • Roriz 1 (Register of 1543)
 • Roriz 2 (Transcription from Foral de Roriz)

AZEVEDO, Agostinho de – O Mosteiro de Roriz, Subsídios para a sua história, from "Artes e Letras". Literary Supplement from "Novidades", Lisboa, nº 25, 6th February, 1938.

(1) Will indicate references in accordance with the cataloguing done by Gabriel Pereira (Catálogo dos Pergaminhos do Cartório da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1880). At least some 159 documents found in the Universidade de Coimbra's archives relating to Roriz.

(2) To my knowledge, there are documents from the 12th century (two) and from the 13th century (four) relating to a union of churches and donations to Roriz. There are also two additional from the 13th century with respect to summons regarding this same monastery.

- AZEVEDO, Rui Pinto de – DMP, *Documentos Particulares*, vol. III, Lisboa, 1940.
- BDGEMN – *Igreja de S. Pedro de Roriz*, nº 9, Lisboa 1937.
- Cenual do Cabido de Sê do Porto*, ed. da Biblioteca Publica Municipal do Porto, 1924.
- Corpus Codicum Lationorum et Portugalensium*, vol IVI, Porto, 1891-1957.
- CORREIA, F. Carvalho – Para a história do mosteiro de Roriz. Os seus Piores, from "Ecos de Negrelos", June, 1993, p. 12; id. Para a história dos conventos de Roriz e Vilarinho. Dois Piores do sec. XVI: João Fernandes Faria e Adriano Fernandes de Almeida, from "Ecos de Negrelos", April, 1994, p. 11; and from May, 1994, p. 11; id., Para a História dos Piores de Roriz. O Prior João Alvares, from JST of June 8th, 1994, p. 3; id. O Mosteiro de Roriz: um inventário de 1543, from "Ecos de Negrelos", July 1994, p. 13; November 1994, p.12.
- Guia de Portugal*, vol. IV: *Entre Douro e Minho. I – Douro Litoral* ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1985.
- LACERDA, A. – *História da Arte em Portugal*, vol I, Portucalense Editora, Porto 1942.
- MADAHIL, A.G. da Rocha – *Uma certidão de Fernão Lopes passada ao Mosteiro de Roriz, em 1451*, from "Revista de Guimarães" 46, 3-4, Julho-Dez., 1936) 184-204; 47, 1-2 (Jan.-June, 1937) 95-105; 47, 3-4 (July-Dec., 1937) 24-256; 48, 1-2 (Jan.-Sept., 1938) 43-63; 48, 4 (Oct.-Dec., 1938) 245-276.
- NOBREGA, Vaz-Osório da – *Pedras de armas do Concelho de Santo Tirso*, ed. da Câmara Municipal de Santo Tirso, 1957.
- PERREIRA, Gabriel – *Catálogo dos Pergaminhos do Cartório da Universidade de Coimbra*, Imprensa da Universidade, 1880.
- PIMENTEL, Alberto – *Santo Thyrsos de Riba d'Ave*, ed. "Club Thyrsense", Santo Tirso, 1902.
- PINHEIRO, P. & Luis Martins – *À Roda de Negrelos*, Porto, 1957.
- Portugal Roman*, vol. III, col. "Zodiaque", ed. l'Abbaye Sainte Marie de la Pierre-qui-Vire, Yonne, 1987.
- REAL, Manuel, & Sá Pedro – *O Mosteiro de Roriz, na arte românica do Douro Litoral*, from "Actas do Colóquio de História Local e Regional" (Santo Tirso March 17 and 18, 1979), ed. Câmara Municipal de Santo Tirso, 1982, pp. 233-280.
- RIBEIRO, João Pedro – *Dissertações Chronológicas e Criticas*, vol III, Lisboa, 1811.
- SANTARÉM, Carlos Manuel Faya – *Inscrições Portuguesas do Concelho de Santo Tirso*, from CST – IV, 3 (1956) 275-279.
- SANTOS, Maria Manuela da Silva – *A Freguesia de S. Pedro de Roriz, no século XVIII* (Ensaio de Demografia Histórica) (Dissertação de Licenciatura apresentada á Faculdade de Letras da Univ. do Porto, dactilografada) Porto, 1973.
- SANTOS, Reynaldo dos – *O Românico em Portugal*, Ed. Sul, L. da, Lisboa, 1955.
- VASCONCELLOS, Joaquim de – *A arte românica em Portugal*, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1992.

COLLECTION DE GUIDES
DU PATRIMOINE CULTUREL
DU COMMUNE DE
SANTO TIRSO...

LE MONASTÈRE DE RORIZ

Original text by Francisco Carvalho Correia

Tradução de Luís Dias Ramos

I. Périodization de L'histoire du Couvent de Roriz

Deux périodes englobent l'histoire monastique de ce couvent, de nos jours, intégré dans la commune de Saint-Tirso.

1. De 1070 à 1173.

- D. Toure Sesnandes fondera le monastère de Roriz vers 1070;
- Le régime monastique, de cette période, de 1070 à 1173, n'est pas encore individualisé;
- Le monastère qui est déjà assez connu: reçoit les religieux de Roriz et de Lordelo, et le monastère est nommé dans la Bula II Officii mei, du 2 Mars de 1120, qui la reconnaît comme située à l'intérieur de la juridiction de la diocèse de l'évêque de Porto. Sans viabilité, car Roriz et ses chamoines n'ont pas connu cette juridiction, suivant exclusivement la juridiction épiscopale de Braga!...

2. De 1173 à 1572

- En 1173, le monastère de Roriz est doté par D. Afonso Henriques à Sainte Cruz de Coimbra. Il suivra, ainsi, le régime de Saint Agostinho;
- De la fin du siècle XII jusqu'à la fin du siècle XIII les chamoines construisent l'église actuelle de Roriz;
- Déjà à l'époque des prieurs commendataires – de difficile détermination la date où termine la période des prieurs élus et commence le régime de commendas – est fait l'inventaire de 1543, qui nous donne une idée du terrain dominé par ce monastère, au long des siècles. Plus grand que ce que l'ont pourrait imaginer...
- En 1572, le couvent est fermé, après la mort du dernier prieur commendataire Luís Fernandes.

En 1573, un grand virage dans la vie de Roriz. Jusqu'à ce moment deux communautés cohabitaient: la séculière,

guidé par son abbé; et la monastique, sous l'administration du Prieur. Deux communautés distinctes.

Même avec un espace liturgique différent: les moines occupent dans l'église, le temple, proprement dit; la paroisse, celle-ci, aura ses actes cultuels dans la chapelle adossée de Sainte Marie.

En 1572, la communauté monastique est éteinte. La communauté de la paroisse sera l'unique à survivre, ayant maintenant l'église entière disponible. Le monastère sera réduit à une simple résidence particulière de la Companhia de Jesus, dans le collège de S. Paulo, de Braga et par celui-ci administré.

Dans cette période, après la fin du couvent et de la communauté monastique, il sera possible échelonner quelques étapes:

1. De 1573 à 1759: Roriz sous l'administration de la Companhia de Jesus.

- L'union de Roriz au Collège de S. Paulo de Braga (1573);
- La fin de la paroisse de Sainte Maria de Negrelos et son intégration comme localité du village de S. Pedro de Roriz (1575);
- Les Jésuites du Collège de S. Paulo comme patrons et donateurs de Roriz, jusqu'à leur expulsion par le Marquis de Pombal (1759);

2. De 1759 à 1774: Roriz et ses biens passent à être propriété de la couronne.

3. 1774-1775: c'est la période d'administration des biens et propriétés de Roriz par l'Université de Coimbra et dont le domaine en faisait partie.

4. À partir de 1775 et années suivantes, il s'effectue la séparation des destins de l'administration de l'église, d'une

part, ce qui fût la résidence du couvent, avec ses propriétés rurales, d'une autre part, le monastère et ses biens – sauf l'église qui est encore restée sous l'administration de l'université – passe à être administré par des particuliers. En premier lieu, ils appartiennent à Sebastião José Teixeira de Carvalho e Sousa, par un achat fait à l'Université (1775).

En 1790, celui-ci en fait don à sa nièce D. Angélica Maria Teixeira de Carvalho e Sousa Ferraz, mariée avec Manuel Marinho Falcão de Castro Morais Bacelar, dont la sépulture se trouve dans l'église de Roriz, bien à côté de l'évangile. De ce mariage est né le possesseur immédiat (1831), António Marinho Falcão de Castro Moreira Bacelar, qui sera viscomte de Roriz, en 1853. Peu de temps plus tard (1902) son fils Manuel Marinho sera le seigneur du couvent.

II. La Fondation du Monastère de Roriz

Quand il est question d'un fait, avec son importance comme celui-ci, le premier problème que tout de suite on se pose – ou l'un des premiers –, naturellement sera celui de son insertion dans le monde de l'histoire. Et, puisque nous savons de quel lieu nous parlons – c'est le monastère de Roriz que nous aborderons –, il est important compléter la silhouette intra-mondaine de l'institution avec l'autre côté dimensionnel, celui du temps. Surtout en ce qui concerne les origines de cette maison religieuse qui, aujourd'hui appartient à la communauté de Saint-Tirso. Comme ça nous l'intégrerons, comme elle le mérite, dans le monde des hommes au cœur de l'histoire.

1. Les opinions sans fondement

Il faut mettre de côté, toutes les positions qui, comme nous le savons, ne nous offrent aucune solidité que nous puissions garantir.

Ainsi, l'opinion de Pinho Leal, que José A.Vieira a suivi,

fait reculé l'histoire du monastère de Roriz, vers l'année de 887, époque où il aurait été doté à Mumadona. Ce fait n'a aucun document qui puisse le prouver. Comme à priori cela serait impossible, si nous observons l'âge peu avancée de la donataire supposée, en cette année lointaine de 887... De la même manière, ou pire encore, nous pouvons douter de l'opinion de Américo Costa, quand il fait reculer l'existence du monastère aux environs du siècle VIII. La source qui lui a donné l'inspiration n'est même pas un modèle possible de vérité!

2. D.Touro Carnão, quit a fait Vairão et Roriz...

Très près de la vérité le Vieux Livres de Lignages. Plus précisément le livre du Deão:

Et ce Nuno Velho, el vejo, a été marié avec Elvira Toures, fille de D. Touro Carnão, qui a fait Vairão et Roriz.

2.1. La relation de D. Toure et Vairão

Il est vrai que beaucoup d'informations des Livres de Lignages sont peu consistantes et même trompeuses, mais, bien des fois, elles parlent de faits véridiques, même quand ils sont abordés avec une certaine dose de fantaisie! C'est le cas du monastère de Saint-Tirso et ses traits originels: éléments sûrs – la fondatrice, le lieu (la Villa Moraria)... –, mariés sous informations sans consistances, comme le patron du monastère, par exemple...

Le même mélange apparaît à propos de Roriz. Ainsi le monastère qui lui est accouplé n'a pas été fondé par D.Touro Sermão, mais, selon une pierre sépulcrale de 1035, il aurait été fondé par sa belle-soeur D.Pala. Il peut y avoir, cependant et malgré tout, une certaine vérité pour l'affirmation du Vieux Livre de Lignages: D.Touro Sernão est responsable avec l'aide de D.Pala de la construction du monastère de Vila do Conde, ce qui lui pourrait valoir le rôle principal de l'édification de Vairão, rôle que les Livres de Lignages lui attribuent. D'ailleurs on le revoit avec sa belle-soeur, en 1040, défendant

un autre monastère, celui de Leça, contre son frère qui a pour nom Odório. Ainsi, si il n'est pas le fondateur, il est au moins, le cofondateur de Vairão. Nous sauverons, ainsi, encore une fois l'honneur des Vieux Livres de Lignages. De l'un de ces parents, une femme, il existe des documents fiables qui en parle vers la fin du siècle XI et début du siècle suivant. Rapporté avec cette maison religieuse de Vila do Conde: une certaine Elvira, abbesse de Vairão, qui, en 1141, reçoit, grâce à cette position, une "carte de possession" des mains de D. Afonso Henriques. Les auteurs sur ce sujet ont des opinions différentes: Manuel Real, la voit comme étant la fille de D. Touro Sernão et selon Mattoso elle serait la nièce. Cet auteur, spécialiste du Moyen-âge ajoute à son opinion, que les Livres de Lignages en parle comme étant la fille de D. Touro, parce qu'il l'identifie avec Ausenda et il lui attribue le mari de celle-ci, Nuno Soares Velho, aspect qui permet conclure qu'elle ne serait abbesse de Vairão seulement après sa mort.

2.2. La relation de D. Toure avec Roriz

Les rapports entre D. Touro Sernão, que Mattoso identifie, par rapport à Torsário, sont aussi insinuatifs et même plus sûr – ou alternatif de Torsário, Todário, Toderedo – Fromariques ou ses descendants, en ce qui concerne notre monastère de Roriz. Ce patronymique nous rappelle l'existence de rapports de sang vis à vis de D. Toure de qui nous avons déjà parlé. Les enquêtes dionysiaques parlent de terrains qui appartiennent à Roriz et qui auparavant, avait été doté à Mem Touriz, un nouveau nom à rappeler, plus loin, le personnage a qui les généalogistes du Moyen-âge attribuent la fondation du monastère de Roriz. Le texte des perquisitions nous dit le suivant: village de Saint Tiago de Lordelo ou il y a des terrains qui s'appellent Lordelo et qui sont marqués et divisés étant du monastère de Roriz et des fils et petits-fils de João Carapesos et les témoins affirment savoir que cela a déjà été de Mem Roriz.

Les informations que nous possédons, nous conduisent avec une certaine plausibilité, aux rapports de D. Toure et ses descendants en ce qui concerne le monastère de Roriz et son rôle de fondateur et patron. Et, comme D. Toure vit, vers la

moitié et deuxième partie du siècle XI, c'est à cette époque que nous pouvons considérer probable la fondation du monastère qui appartient, aujourd'hui à la communauté de Saint Tirso.

3. Informations documentaires subséquentes

3.1. La première information plus exacte et plus sûr, à propos de notre monastère, est datée de 1906: c'est une lettre d'échange entre le monastère de Roriz, par l'intermédiaire de Fr. Mendo et Fr. Gundesindo David, responsable du monastère, qui a comme nom Tolereo Pinionis, d'une part et Guterre Suaz et Unisco Osoreis, d'une autre. Le couvent échange des propriétés qui lui appartiennent et qui sont situées dans la ville de Saint Tomé, au fond du Mont Córdova, près de la rivière appelée Vizella, par une ferme qui existait à Negrelos. Il y a d'autres textes sur le monastère de Roriz. En 1115, le monastère échange, à nouveau, une propriété appelée Saint Martinho do Pelhe (aujourd'hui: Saint Martinho do Vale, de Vila Nova de Famalicão) par une autre qui appartenait à Mendo Veilaz et sa femme.

L'année suivante, en 1116, cette même maison religieuse bénéficie du dote de plusieurs propriétés, fait par Mendo Gonçalves et sa femme. Il faut mettre en évidence la Bula de Calisto II, officii mei, de 1120. Elle parle du problème des limites des diocèses de Braga et Porto: on peut confirmer le Ave dès l'embouchure de la Vizela jusqu'à Vila do Conde, comme limite des deux administrations ecclésiastiques et le monastère de Roriz, comme point intégré de l'aire de la diocèse de Porto. Sans effets pratiques, comme je l'ai déjà dit. Dans cette première étape de son existence - celle d'être difficile de préciser son régime – et, selon une tradition qui précède, de loin, les perquisitions dionysiaques (1290), le monastère de Roriz recevra "une autorization de possession de terres".

3.2. Un siècle après sa fondation, le monastère passe à être propriété de Sainte Croix de Coimbra, par dote de notre premier roi. Comme il est arrivé à Saint Tirso – mais ici, avant 1090 – le changement de direction, en ce qui concerne la

spiritualité monastique, s'insérera dans un contexte plus élargie qui englobait la construction d'une nouvelle maison. Du couvent primitif, à Saint Tirso – celui de 978 – il ne reste qu'un document témoin. Du couvent primitif de Roriz – ce qui survivra dès les débuts de sa fondation jusqu'à, approximativement, la fin du douzième siècle – il restera, selon Manuel Real, pas mal de fragments architectoniques: un chapiteau figuratif, une frise, une imposte et encore deux bases de colonnes d'un air archaïque. Cet auteur décrit ces fragments de la suivante manière: "le chapiteau représente un étrange être ailé où l'on perçoit une main et un objet d'aspect phallique. Il est difficile de préciser quel est exactement le dessin de la frise, cependant, il paraît être végétaliste, avec des feuilles alternées à partir d'une tige en zigzag. L'imposte est, sans aucun doute, l'élément le plus intéressant et, par sa dimension, elle a dû appartenir à une lucarne. Elle est décorée par deux étages de cordons enlacés, l'inférieur est plus épais et ourlé de perles. Cet élément décoratif, nous permet situer la construction antérieure dans le contexte de décoration que, très tôt, c'est établi dans la diocèse de Braga. Cette idée, peut être revue d'une manière plus évidente si on observe la base où le socle répète le modèle des bandelettes entrelacées. Cet ensemble de cordes doit dériver des modèles arabes antérieurs et la même chose, peut être affirmée, en ce qui concerne l'autre base, dans laquelle le profil, simple et presque de tronconique, est devenu classique dès l'influence romane. C'est ce qu'il reste – les dépouilles architectoniques – de ce qui fut le premier monastère de Roriz, qui serait resté debout, dès ces origines, vers 1070, jusqu'à 1170, approximativement.

Première phase:

. Les religieux suivent un idéal et un régime que nous ne connaissons pas;

. Le monastère obtiendra un prestige considérable, avec l'aide des patrons, D.Toure Sessão et ses descendants et avec l'auréole politique d'une terre privilégiée. Une ou deux: celle de Roriz et de Lordelo.

Après le virage de 1170

. L'adoption du régime de Sainte Croix de Coimbra;

. La construction de l'église qui, aujourd'hui, constitue un chef-d'œuvre de la communauté de Saint Tirso.

III. La Construction d'une Nouvelle Eglise Monastique (et Paroissienne)

Au début du dernier quart, ou près de cette époque – on indique l'année de 1173 – la communauté de Roriz aurait changé d'orientation: le roi Afonso Henriques l'aura donné, le monastère, aux croisés. Dans le contexte de la prélature de D. Aires, qui, en 1185, revendique le patronage de l'église de Vir et la possession d'une bourgade qui aurait été du fondateur du couvent et de ses héritiers.

Dans ce contexte, on parle aussi, de la construction d'une nouvelle église qui va occuper un siècle. Il est vrai que beaucoup de difficultés ont retardé l'inauguration du monastère: des problèmes techniques, des difficultés socio-économiques du propre couvent, des accidents de construction, etc... Elles sont sans compte les barrières du retardement! Manuel Real et Pedro S nous rappellent la chute de la voûte et des murs de l'abside, quand ils étaient encore en construction, sans parler de la chapelle et des luttes du monastère contre un gentilhomme qui, à l'intérieur des terres du domaine de Roriz, c'est privilégié un morceau de terrain, ce qui a provoqué une réaction frontal des habitants du couvent provoquant la mort de deux prêtres; nous sommes à l'époque du roi D. Afonso II, (1211-1223)...

1. Les phases de construction

Les historiens dont je vous parle, se servant de l'analyse des sigles, de la lecture des inscriptions, de l'observation des pierres taillées, etc... schématisent de la manière suivante les différentes étapes de la construction de l'église actuelle de Roriz:

1.1. Jusqu'à la fin du douzième siècle:

- . La construction de la chapelle;
- . Le début du vaisseau, par l'ouverture des fondations et par la construction des murs jusqu'à quatre mètres d'hauteur.
- . À ce niveau, une catastrophe a impossibilisé le déroulement de la construction: la chapelle principale s'est écroulée! Le fait est vrai. Les causes sont imperceptibles: interruption prolongée des œuvres et manque de verrouillage dans la zone de l'arc triomphal? Terramoto? Les causes peuvent être celles-ci ou d'autres encore! Mais, il est sûr que la construction s'est écroulée une fois. On voit nettement les fêlures de l'insuccès: les colonnes sont décalées à l'entrée du chœur; parements d'exécution variés entre la chapelle principale et le corps de l'église; décalage des pierres taillées, dans l'abside...

Caractérisant ce premier morceau de construction, Manuel Real et Pedro S disent que: La première phase montre une supérieure perfection. Même étant, assez sobre, cet "atelier" est le plus original et celui qui présente les meilleurs disponibilités de mains-d'œuvres. Par son analyse il surgit à nos yeux des solutions exotiques, comme le plan hexagonal de l'intérieur les tronches interrompues qui bordent les fenêtres, la corniche de petits arcs, etc... La flore est aussi plus travaillée et évoluée que ce qu'il paraît au premier coup d'oeil. On est un peu surpris avec ses feuilles qui ont déjà des étranglements concave dans leur base ce qui annonce le style gothique (...). Bien que les chapiteaux s'approche beaucoup du schéma traditionnel, il surgit certaines déviances qui, par leur rareté, peuvent seulement être expliquées par la présence d'un maître venu d'autres lieux.

1.2. Débuts du siècle XIII. À ce moment on a:

- . la consolidation des murs de la chapelle principale;
- . la restauration de la voûte;
- . la construction d'un contrefort, du côté sud;
- . la construction des murs latéraux du vaisseau;
- . la fabrication des portails;

À travers des sigles on voit que déjà d'autres artistes ont travaillé cette seconde phase. Si il y a des pierres avec la même signature qu'auparavant, elles ont dû être de pierre

reprofitées. Pierre taillée, bien individualisée, ce qui peut être le nom du chef responsable du chantier: un certain João, nom représenté par une simple abréviation.

"Quant à la voûte, elle termine d'une forme originale, avec des arrêtes radiales qui incident sur les angles du polygone intérieur de l'abside. Cette solution a dû être inventée durant la première phase, obligeant le nouveau maître à respecter les lignes du projet antérieur. Même ayant pour base des aspects d'ordre stylistiques, cette hypothèse se défend sur le fait que le reste de la seconde phase, met en évidence une grande pauvreté technique et un manque total d'imagination."

Mais le mauvais destin poursuivait la construction! Et le chantier s'arrêtait à nouveau: la dispute du monastère sur les biens qui lui appartenait; réaction des visés qui ne reculent pas, même confrontés avec l'hypothèse de l'assassinat des deux prieurs; l'ambiance est de tension... Tout est un prétexte suffisamment grand pour provoquer des arrêts forcés.

Aux temps des perquisitions de D.Dinis, les témoins parlent de cette période de peu de tranquillité.

1.3. La troisième phase apparaît avant 1225:

- . construction de l'annexe sud (aujourd'hui sacristie de l'église)

Le souvenir des ruines était un poids menaçant, comme l'épée de Dámocles, en ce qui concernerait la construction de l'église du couvent. Bonne raison pour avoir peur. Les faits ne peuvent plus peindre en noir l'horizon, par crainte, car elle est lointaine l'idée que les choses peuvent être simplement possibles!...

C'est pour cela que les efforts sont redoublés pour que la construction se fasse. Une sacristie ou une salle de chapiteau, adossée à l'extérieur du côté sud de l'abside, donnerait à l'église le renfort qui était tant nécessaire. Une inscription

funèbre, qui continue dans son local originel, ouverte dans l'une de ses rampes de triples arcs qui donnait sur le cloître, nous parle de la chronologie de son changement.

II NNS FBRII Ob
MENENDUS ODORICI
E M CC L XIII

En 1225 la sacristie ou salle du chapiteau était déjà prête. Dès sa construction elle se destinait servir non pas seulement, l'aide aux services religieux ou certaines décisions capitulaires des chanoines du couvent, avec leur prieur, mais aussi, servir de contrefort à l'édifice bien des fois reconstruit à cause de ses écroulements. Idée renforcée par les symphômes qui montrent que cet annexe n'a pas été planifié pour être installé de ce côté.

Encore une fois l'œuvre ira perdre, lentement, son élan de construction et s'arrêtera pendant un quart de siècle, ou presque!

1.4. Quatrième phases:

la construction de la chapelle de Sainte Marie, du côté nord.

L'une des bonnes contributions de Manuel Real et Pedro S – à mon avis – c'est la réinterprétation de la consagrations marianne, de la colonne de l'arc, qui part perpendiculairement par rapport à la face nord et finit à l'extérieur de l'abside.

Quand je parle de la réinterprétation de l'épigraphie, je parle des deux lectures qui se complètent, c'est à dire: la reconstruction exacte du texte écrit et de la fonctionnalité qu'elle permet et que l'on peut voir, en général, par rapport à la construction.

Les documents du couvent de Roriz persistent, invariablement à montrer Saint Pedro comme patron de la communauté du couvent. Si les monastères ou les paroisses ont l'habitude fréquente de changer de patronat ou avoir une attitude de démembrement en divers responsables secondaires et un principal – comme il est arrivé au monastère de Saint Tirso –, en

ce qui concerne Roriz, les documents littéraires que j'ai vu, renforcent l'idée d'une primauté solitaire du Prince des Apôtres. En interprétant l'arc, non pas comme une simple entrée – par exemple, les passages du monastère –, mais si comme un véritable arc de triomphe qui intègre le chœur d'une chapelle adossée au temple principal de Roriz, on a ouvert une intelligibilité plus élargie à la possibilité de la coexistence de deux patronats: celui de Saint Pedro, pour l'église du couvent, et celui de Notre Dame en ce qui concerne cette simple chapelle latérale.

Ces historiens disent: "...Il est incontestable que ce mur, joint sans freins, à l'extrémité du mur avec lequel il se croise, n'est pas plus que le mur de séparation entre le vaisseau et le chœur d'une petite chapelle, jadis construite contre le bâtiment principal. On voit encore, les débuts de l'absidiole (...) et un encastrement de blocage dans l'une des culées de l'abside principal. Le passage, qui maintenant, est fermé par une grille en fer n'a aucun batant pour porte, ni aucun lieu pour que les charnières fonctionnent. Autrefois, elle servait d'arc triomphal, et c'est la seule manière qui nous permet de pouvoir expliquer le sens et la localisation de l'épigraphie commémorative, taillée dans une des pierres qui ferme la colonne nord (...). L'inscription est la suivante:

E M CC LX' VI: INCI
PIT HANC DOMUM IN HONO
RE BEATE MARIE VIRGINIS

Cette information est précieuse, car nous savons ainsi que le petit temple était dédié à Sainte Marie, et nous avons aussi un renseignement chronologique sûr, en ce qui concerne une des phases de construction du monastère. La photographie montre avec clarté un X guillemeté, ce qui fait que la date du commencement des travaux doit se situer vers 1258.

La petite chapelle qui a déjà la fonction de garantir une plus grande assurance à la chapelle principale, coince maintenant par deux annexes, un de chaque côté – c'est à dire: un du côté nord et un autre dans la façade du côté sud –, devait

servir, peut-être, d'un espace funéraire pour les sépultures, spécialement des patrons de cette communauté religieuse de Saint Agostinho et ses prêtres.

Une sigle dans la base du clocheton du côté septentrional laissera voir le nom d'un travailleur responsable récent: Maire Telo.

En ce qui me concerne j'ajouterai, seulement, que cet annexe – la chapelle de Santa Maria – qui a dû être un espace tumulaire des individualités de qui j'ai auparavant parlé, devrait aussi contenir – à mon avis – un autre objectif: servir le temple pour les assemblées liturgiques de la communauté séculaire. Car, à Saint Tirso, la paroisse de Sainte Marie Madeleine se réunissait dans le narthex de la troisième église monastique jusqu'à 1979, plus ou moins. À partir de cette époque, elle a été recueillie à l'intérieur de l'église des abbés, ce qui a provoqué une division du temple, qui apparaîtra dans l'édification du couvent actuel à travers d'une grille en bois et, à la fin du siècle XVIII, par une grille en fer – qui aujourd'hui existe encore –, c'est un dessin de Frei José de Saint Antoine Ferreira Vilaça. Je pense même que le narthex qui précède l'église près de Vilarinho aurait été, également, l'espace religieux de la famille de la paroisse.

J'ose à peine ajouter cela, aux suggestions de Manuel Real et Pedro S.

1.5. Cinquième phase:

- . Achèvement du gable sur l'arc triomphal;
- . Exécution de la corniche du vaisseau;
- . Construction du gable de la façade oeste et couverture de l'église.

C'est la phase de conclusion des œuvres, vers le dernier quartier du treizième siècle, avec l'ouverture des deux vaisseaux, celui de l'église et celui de la chapelle de style marianiste.

Manuel Real et Pedro S ont noté, et confirmé ainsi l'intuition de Manuel Monteiro, l'existence d'une influence de Paço de

Sousa sur Roriz: "... Il n'y a aucun doute que l'achèvement de Roriz ne peut s'expliquer, sans tenir compte du style de travail de Paço de Sousa. La comparaison, entre les rosaces des façades est évidente, ainsi comme entre les colonettes des portails, décorées avec les symboles de l'apôtre Saint Tiago. Les arcs des corniches sont retournés à Roriz, mais, maintenant, plus perfectionnés en terme stylistiques, grâce à l'expansion de la sculpture à ciseau, des modillons. Il y a un contraste clair entre les corniches de l'abside et celui qui existe dans le vaisseau, ce qui, encore une fois, confirme la distance qui sépare, historiquement, les deux parties de l'édifice. Toutefois, il est impossible de concevoir les modillons du vaisseau, sans, en premier lieu s'être produit la très connue évolution de l'école de taille à ciseau, et elle a commencé à évoluer plus au sud, près des rives, des rivières appelées: Ferreira et Sousa (...) Avec Saint Pedro de Roriz on ferme, ainsi, un cycle constructif, duquel ce monastère occupe une certaine renommée, parce que c'est une construction pionnière et parce que c'est un exemplaire définitivement achevé.

Les sigles, disparaissent à ce moment, peut-être à cause de l'effet des changements du régime de contrats de travail.

2. La décoration

Pièces de décoration dignes d'une considération particulière:

- . la lunette, sur le gable oriental, avec la décoration de rosettes à ciseau;
- . le portail, décoré avec des motifs jacobés;
- . la rosace de la façade occidentale.

Les éléments de la sculpture que l'on remarque maintenant, dans cette phase terminale de Roriz – d'où l'opposition de la façade avec l'abside! – sont dans cette région, traditionnels: les quadrupèdes, dualiste mais d'une tête seulement et les museaux des bovidés. Ces informations réalistes vont laisser leur place à des décorations plus stylisées.

Il y a deux ensembles qui méritent une référence spéciale. Le premier est constitué par deux télamons qui retiennent les poutres antérieures au haut-chorus. Il y a le dessin

d'une scène génésiaque qui est la tentation et le péché, avec un Adão aux yeux grands-ouverts d'admiration devant Eva, qui étale ses seins comme pommes du «fomes peccati». Les attitudes, les traits physiologiques, les concepts de l'homme vulgaire et rural de l'époque. Ces traits fonctionnent comme des avertissements sur les maux du chatiments. Comme ont suggéré les deux étudiants que nous sommes en train d'analyser.

Le même thème apparaît sur la façade: la tête d'un homme qui guette à travers d'une pseudo-lucarne, ouverte sur une pierre taillée, près du sommet de la corniche sud. Un buste qui essaye de se libérer des profondeurs de l'ergastule. Le thème de l'homme prisonnier a été un aspect constant dans l'art existant entre les régions de Douro et Minho.

3. La consécration

L'église serait prête vers la fin du troisième quart du treizième siècle. On ne possède aucune ligne définie sur cette question. Aucun document textuel, aucune épigraphe nous aide à chronométrer avec certitude, le point de départ et la fin de l'arrivée d'une architecture, qui se prolongerait au long du siècle. En ce qui concerne la fin, on peut la définir d'une manière plus convaincante. Mais de l'année où tout s'achève on n'en sait rien. Parce que, en ce qui concerne le jour et le mois, je pense le contraire. La consécration se réalisait le 21 octobre. C'était ce jour, du siècle XVI, qui était consacré à l'anniversaire de l'événement qui était fêté par les chamois de Roriz. L'événement était tant solène, qu'il ne manquait jamais d'octavioire. Et, même, pendant son déroulement, il passait au jour suivant disponible, c'était la fête des deux apôtres: Saint Simon et Saint Judas. C'était une fête de commémoration de deux fois huit jours.

IV. Un Tour à l'intérieur

Avant de rentrer dans l'église, nous devons, encore une fois, observer le portique: fait de trois archivoltes perlées et

bordées, dans son ensemble, avec des franges de cercles enlacés. Des arcs légèrement plus haut sont attachés sur des colonnettes octogonales et rondes, décorées. Cet ensemble est mis en évidence par des motifs jacobins et des rosettes.

Il faut faire attention à la décoration hybride des chapiteaux symétriques: les motifs réalistes et fantastiques des groupes d'animaux d'une seule tête, à côté d'un travail plus stylisé, en ce qui concerne les chapiteaux et leur plantes, leurs éléments et la bande décorée de quintefeuilles. On y voit aussi, le mariage de la géométrie et du naturalisme, sur les têtes des bovins, – le museau à tronc conique – jusqu'à la finalisation du linteau interrompu.

Dans un plan supérieur, la rosace énorme avec profusion décorative. Sa taille à ciseau fait surgir, capricieusement de la pierre brute, quatre molures annulaires et concentriques – lisse et semi-circulaire, en perles de quintefeuilles et rosettes – autour d'une lucarne qui se divise en cercle central entouré par un groupe de huit cercles plus petits et enlacés.

1. Le corps de l'église

D'un seul vaisseau.

Dès l'entrée, on est dominé par un sentiment de majestueuse dignité qui est obtenue par la conjugaison de deux aspects: l'élégance des proportions et la contenance d'apparat décoratif. La pénombre qui nous entoure, par l'effet d'un dosage de lumière pâle de la rosace et des six hautes fentes, mais étroites, donne vie à un ravissement en un halo de mystère indéfini.

Sous le haut chœur, on voit les modillons où s'appuie la poutre antérieure qui lui sert de support, une version provinciale et régionale, inscrites sur les modillons, c'est à dire: la tentation du péché et du châtiment du Gen.3...

Près de la chapelle principale, du côté de l'évangile, une épigraphe. C'est un couvercle d'une sépulture de Manuel

Marinho Falcão de Castro de Morais Bacelar, qui a été ministre de la justice de D. João VI. L'épigraphie nous parle des décorations du chevalier de l'Ordre de Cristo (28 novembre 1804) et à la comende de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, avec lesquels il a été décoré. Il est mort le 7 février 1831. Ses obsèques ont eu la présence de l'abbé de Saint Tirso, l'avant dernier avant l'extinction, D. Frei José Alexandre do Sacramento.

Bouclier écartelé de Marinho, Falcão, Castro et Morais. Timbre de Marinho (sirène).

2. Le chœur

Deux escaliers permettent d'avancer du niveau du corps de l'église jusqu'au presbytère. La voûte a deux corps: la première section de berceau, suivie de la postérieure, celle-ci est comme une coquille. Elles sont définies par deux arcs pleins, appuyés sur des colonnes adossées et terminées par des chapiteaux, ceux-ci ayant une décoration phytologique, assez stylisée, avec un couronnement de motifs en spirale.

De la base demi-circulaire de la voûte de la chambre en sphère pend, jusqu'au sole, une abside. S'opposant à la face extérieure, d'entaille demi-circulaire, le côté intérieur se casse en une articulation polygonale de cinq faces. Une séquence d'arcs aveugles, les rends plus légères, jusqu'à deux tiers d'hauteur, sur des colonnettes de silhouettes élégantes. À un niveau plus élevé trois fentes, flanquées aussi de colonnettes, d'un travail et dessin si rare. Les trois fenêtres, déchirées sur les deux faces extérieures et sur la face du milieu, projettent dans la convexité de la face extérieure avec un même découpage, qui cette fois provoque la séparation entre elles par deux groupes de fausses fenêtres geminées, qui n'ont pour aucune de la beauté des premières fenêtres et de leur aplomb.

Aux angles d'articulation de cette aire brisée il correspond, d'une manière symétrique, dans la superficie demi-circulaire extérieure, les contreforts et les colonnes adossées qui font le rythme, dans un régime d'alternation, entre fentes sim-

ples et fentes geminées. Durant la première moitié de notre siècle, pendant la restauration faite sous la direction des Monuments Nationaux, on a enlevé du chœur un imposant retable manieriste découpé par la tribune et couronné par l'emblème de la Compagnie de Jésus. Stigmates du patronnat de: après extinction!

Il est important, être attentif aux suivants, dans toutes les sculptures:

- . Saint Pedro, image en bois polychromée, du siècle XVIII;
- . Saint Lourenço, sculpture en pierre de Anç polychrome et dorée de 1,35 m d'hauteur.

3. La sacristie

Le problème de savoir quelles auraient été les intentions premières, en ce qui concerne cet annexe sud de l'église de Roriz a déjà été étudié par Manuel Real et Pedro S. Qu'elle a servi de contrefort, nous le savons déjà, c'est sûr. Après l'écroulement de la fin du douzième siècle. Il y a même des synthèmes qui insinuent qu'elle n'aurait pas été prévue mais, laissant de côté sa fonction rempart, pourquoi cet annexe? Salle de capitole? Sacristie? Dès le seizième siècle, au moins, cette hypothèse première n'est pas possible. Et bien, aujourd'hui, c'est la sacristie...

Nos deux historiens nous retiennent l'attention par la lecture de l'épigraphie de Mendo Odoriz, visible à l'extérieur de la façade de cet annexe. Cela nous garantit, la chronologie de l'expression ante quem, en ce qui concerne l'édification de ce secteur: avant 1225.

4. Le cloître

Il survit du cloître, seulement la superficie. Pour témoigner l'édification qui a existée, nous trouvons, à peine, un tas déformé d'éléments d'architecture.

BIBLIOGRAPHIE

1. Ressources des Manuscrits *Fontes Manuscritas*

- ADP • Roriz 1 (Archives de 1543);
 • Roriz 2 (Copie de la chartre de Roriz);
 • Roriz 3 (Livre des échéances 1585-1603);
 • Roriz 4 (Livre des échéances 1747-1751);
 • Roriz 5 (Livre des échéances du couvent et d'autres éléments d'information qui ne lui appartiennent pas: 1575-1579);
 • Roriz 6 (Livre de revenu 1759);
 • Roriz 7 (Livre de reçu 1730...);
 • Roriz 8 (Procès sur la juridiction du domaine de Roriz; 1725...).

AUC (1)

- Parchemin portugais du siècle XIII 19;
- Parchemins latins du siècle XIII 19 et 34;
- Parchemins du siècle XIV. Monastère de Roriz 8-28;
- Parchemins du siècle XV. Monastère de Roriz 165-225;
- Parchemins du siècle XVI. Monastère de Roriz 198-271.

ANIT (2)

2. Ressources Imprimées

AZEVEDO, Agostinho de – Le Monastère de Roriz, Aides pour comprendre son histoire, dans "Arts et Lettres". Supplément littéraire de "Nouvelles", Lisbonne, n° 25, du 6 février 1938.

AZEVEDO, Rui Pinto de – DMP, Documents particuliers, troisième volume, Lisbonne, 1940.

BDGMN – Öglise de Saint Pierre de Roriz, n° 9, Lisbonne, 1937.

"Cesual do cabido da Sé" de Porto, édition de la bibliothèque municipale de Porto, Porto, 1924.

(1) J'indiquerais les références comme elles sont cataloguées par Gabriel Pereira (Catalogue des Parchemins de l'archive de l'Université de Coimbra, Coimbra, 1880). Ce sont, plus ou moins, 159 documents, que nous trouvons dans les archives de l'Université de Coimbra et qui parle de Roriz.

(2) Je sais qu'il y a des documents du douzième siècle (deux) qui parlent de l'union des églises et des dotes faits à Roriz. Il existe, encore, deux documents du treizième siècle, qui parle de «périodes» sur le monastère de Roriz.

Corpus Codicum Latinorum et Portugalensium, volume I – VI, Porto, 1891-1957.

CORREIA, F., Carvalho – Pour l'histoire du monastère de Roriz, Ces prieurs, dans "Ecos de Negrelos", du mois de Juin 1993, page 12; id.; Pour l'histoire des couvents de Roriz et Vilarinho. Deux prieurs du seizième siècle: João Fernandes Farta et Adriano Fernandes de Almeida, Dans "Ecos de Negrelos", Avril 1994, page 11; et du mois de Mai de 1994, page 11; id. Pour l'histoire des prieurs de Roriz. Le prieur João Alvares, dans JST du 8 Juillet de 1994, page 3; id. Le Monastère de Roriz: un inventaire de 1543, dans "Ecos de Negrelos", juillet 1994, page 13; id., Le Patronnat de Roriz, dans "Ecos de Negrelos", Novembre 1994, page 12.

Guide du Portugal, volume IV: Entre Douro et Minho. I – Douro Litoral édition de la Fondation Calouste Gulbenkian, Lisbonne, 1985.

LACERDA, A. de – L'Histoire de l'art au Portugal, volume I, Portucalense Editora, Porto 1942.

MADAHIL, A.G. da Rocha – Um certificat de Fernão Lopes passé au monastère de Roriz, en 1451, dans "Rev. de Guimarães", 46, 3-4. (Juillet et Décembre de 1936) 184-204; 47, 1-2 (Janvier à Juin de 1937) 95-105; 47, 3-4 (Juillet à décembre de 1937) 241-256; 48, 1-2 (Janvier à Septembre de 1938) 245-276.

NÓBREGA, Vaz-Osório da – Pierres des Armes de la Communauté de Saint Tirso, édition de la Chambre Municipale de Saint Tirso, 1957

PEREIRA, Gabriel – Catalogue des Parchemins de l'Archive

de l'Université de Coimbra, Imprimerie de l'Université, 1880

PIMENTEL, Alberto – Santo Thyrso de Riba d'Ave, édition du Club Thyrsense, Saint Tirso, 1902.

PINHEIRO, P. e Luís Martins – Autour de Negrelos, Porto, 1957

Portugal Roman. volume II, collection Zodiaque, édition de l'Abbaye Sainte-Marie de la Pierre-qui-Vire, Yonne, 1987.

REAL, Manuel et Sp, Pedro – Le Monastère de Roriz, dans l'art romain du Douro Litoral, dans "Actas do Colóquio de História Local e Regional" (Saint Tirso 17 et 18 Mars 1979), édition de la Chambre de Saint Tirso, 1982, pp. 233-280.

RIBEIRO, João Pedro – Dissertation Chronologiques et critiques, volume III, Lisbonne 1811.

SANTARÉM, Carlos Manuel Faya – Inscriptions portugaises de la communauté de Saint Tirso, dans CST – IV, 3 (1956) 275-279.

SANTOS, Maria Manuela da Silva – Le village de Saint Pierre de Roriz, au siècle XVIII (Essais de Démographie Historique) (Dissertation du grade de licencié présenté à la Faculté de Lettres de l'Université de Porto), Porto 1973.

SANTOS, Reynaldo dos – Le romanique au Portugal, édition Sul, Lda, Lisbonne, 1995.

VASCONCELLOS, Joaquim de – L'Art Romain au Portugal, Publication D. Quixote, Lisbonne, 1992.

